

Cid Ivan da Costa Carvalho

ANÁLISE E EXPRESSÃO TEXTUAL

Cid Ivan da Costa Carvalho

ANÁLISE E EXPRESSÃO TEXTUAL

Governo Federal
Ministro de Educação
Aloizio Mercadante Oliva

Universidade Aberta do Brasil
Responsável pela Diretoria da Educação a Distância
João Carlos Teatini de Souza Clímaco

Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Reitor

José de Arimatea de Matos

Pró-Reitor de Graduação

Augusto Carlos Pavão

Núcleo de Educação a Distância

Coordenadora UAB

Kátia Cilene da Silva

Equipe multidisciplinar

Antônio Charleskson Lopes Pinheiro - Coordenador de
Produção de Material Didático
Ulisses de Melo Furtado – Designer Instrucional
Nayra Maria da Costa Lima – Assessora Pedagógica
Celeneh Rocha de Castro - Coordenadora de
Formação Continuada
Thiago Henrique Freire de Oliveira – Gerente de Rede
Edinaldo de Queiroz Fonseca Junior – Webdesigner
Adriana Mara Guimarães de Farias – Programadora
Marcos Aurélio Oliveira Ribeiro - Diagramador
Paulo Victor Maciel de Moraes - Diagramador
Ramon Ribeiro Vitorino Rodrigues - Diagramador

Arte da capa

Felipe de Araújo Alves

Equipe administrativa

Rafaela Cristina Alves de Freitas – Assistente em Administração
Iriane Teresa de Araújo – Responsável pelo fomento
Lucas Vinicius Martins Cunha – Estagiário

Equipe de apoio

Jéssica de Oliveira Fernandes - Revisor Linguístico
Mácio Vinícius Barreto da Silva – Revisor Linguístico
Nayra Maria da Costa Lima – Revisor de Didática

Serviços técnicos especializados

Urbanóide Comunicação & Desing

Edição

EdUFERSA

Impressão

Imprima Soluções Gráfica Ltda/ME

© 2014 by NEaD/UFERSA - Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, do NEaD/UFERSA. O conteúdo da obra é de exclusiva responsabilidade dos autores.

Biblioteca Central Orlando Teixeira – BCOT/UFERSA **Setor de Processos Técnicos – Ficha Catalográfica**

C331a Carvalho, Cid Ivan da Costa.

Análise e expressão textual / Cid Ivan da Costa
Carvalho. – Mossoró : EdUFERSA, 2013.
81 p. : il.

ISBN: 978-85-63145-49-9

1. Língua Portuguesa. 2. Linguística. I. Título.

RN/UFERSA/BCOT

CDD: 469.8

Bibliotecário-Documentalista
Mário Gaudêncio – CRB-15/476



<http://nead.ufersa.edu.br/>

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

Caro (a) aluno (a),

Você deve se perguntar: para que serve a disciplina Análise e Expressão Textual neste curso?

Ora, se considerarmos que passamos a maior parte de nosso tempo falando, escrevendo e lendo textos, observamos que por meio da linguagem interagimos e participamos do convívio social; se refletirmos bem sobre a nossa prática como professores, veremos que nosso instrumento de trabalho é o uso da linguagem. Então, podemos dizer que esta disciplina e o conteúdo nela expresso são tão importantes quanto as outras disciplinas específicas do curso, contribuindo para a formação profissional e a construção de habilidades sobre a linguagem.

Por isso, o conteúdo programático desta disciplina, na primeira unidade, procura apresentar a linguagem constituída sob três aspectos. O primeiro aspecto mostra a linguagem como “filtro” do mundo e do pensamento; o segundo apresenta a mesma como instrumento de comunicação; o último afirma que esta é lugar de ação ou interação entre falantes.

Na segunda unidade, você perceberá que escrever não é só colocar as ideias no papel de forma aleatória. As ideias não surgem do nada. Elas fazem parte do processo de comunicação do qual participamos e de todas as informações que nos chegam, por meio de trocas de experiências com os interlocutores e da leitura que fazemos dos textos. A construção de um texto depende da combinação e seleção das palavras para evitar a falta de nexos, ou seja, precisa ser coeso; depende também do sentido que as palavras mantêm entre si, isto é, do nexo entre as ideias, da coerência.

Na terceira unidade, o estudo se dirige à compreensão da leitura e da produção dos gêneros acadêmicos. A leitura de um texto envolve conhecimento adquirido nas práticas sociais de comunicação, possibilitando a recriação de outros discursos, tornando o leitor um construtor do texto que lê. A produção textual é uma atividade dialógica associada à construção dos gêneros nos domínios discursivos. Por esses motivos, devemos compreender a estrutura composicional e as finalidades no uso dos gêneros acadêmicos.

Com essas questões, esperamos que você veja a contribuição que o conteúdo dessa disciplina pode trazer para sua formação profissional.

Bons estudos e seja bem-vindo!

SOBRE O AUTOR

Olá, caro (a) aluno (a),

Tenho graduação em Letras e Artes e mestrado em Letras, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Já atuei como professor de Língua Portuguesa nos ensinos fundamental e médio, na rede pública estadual.

Minha primeira experiência como professor de ensino superior foi em 2007 e 2008, no PROFORMAÇÃO - Programa de Formação Profissional para a Educação Básica, onde ministrei as disciplinas de Estilística, Literatura Brasileira, Literatura Potiguar e Ensino da Arte.

Sou professor assistente da UFERSA desde 2010, onde ministro a disciplina de Análise e Expressão textual, no curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia, no campus de Caraúbas. Além disso, estou cursando doutorado em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará e participo do grupo de pesquisa Complin - Computação e Linguagem Natural, com estudos dirigidos ao desempenho de etiquetadores morfossintáticos, na área linguística computacional.

SUMÁRIO

UNIDADE I

LINGUAGEM, TEXTO E DISCURSO

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM	13
A LINGUAGEM E A VIDA SOCIAL	13
AS CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM	14
A LINGUAGEM NA INTERAÇÃO	16
FUNÇÕES DA LINGUAGEM	17
TEXTO, GÊNERO E DISCURSO	23
ORALIDADE E ESCRITA	28
TÓPICO DE ESCRITA	30

UNIDADE II

TEXTUALIDADE E TIPOLOGIA

MECANISMOS DE ARTICULAÇÃO TEXTUAL 35

- Intencionalidade 36
- Aceitabilidade 36
- Situacionalidade 37
- Informatividade 38

TEXTUALIDADE E INTERTEXTUALIDADE 39

- Intertextualidade explícita 39
- Intertextualidade implícita 41

A COESÃO TEXTUAL 44

- A reiteração 46
- A associação 47
- A conexão 47

A COERÊNCIA TEXTUAL 48

TÓPICOS DE ESCRITA 53

UNIDADE III

GÊNEROS: LEITURA E PRODUÇÃO

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER E NÍVEIS DE LEITURA	57
• A importância do ato de ler	57
OS NÍVEIS DE LEITURA	59
GÊNEROS TEXTUAIS E TIPOS TEXTUAIS	60
GÊNEROS ACADÊMICOS	62
• Resumo acadêmico	62
• Resenha	64
• Fichamento de Textos	67
• Artigo científico	69
RETEXTUALIZAÇÃO DE GÊNEROS ESCRITOS	72
TÓPICOS DE ESCRITA	73

I

LINGUAGEM, TEXTO E DISCURSO

Nesta unidade, veremos que o homem é constituído pela linguagem, de vez que ela faz parte das mais diferentes situações sociais de comunicação. Com ela, informamos sobre um evento, sobre nossos pensamentos e emoções; porém, é por meio dela também que mentimos e escondemos a verdade de alguém, manipulamos informações necessárias e dissimulamos o conhecimento sobre algo. A linguagem faz com que você interaja consigo e com o mundo à sua volta. Por esse motivo, ela está presente na atividade de comunicação.

Na comunicação, a linguagem adquire algumas funções essenciais que se classificam em: referencial, emotiva, metalinguística, fática, conativa e poética, as quais estão diretamente associadas aos elementos comunicativos.

No decorrer do nosso estudo, você perceberá que a linguagem é fundamental na interação social, fazendo com que o texto seja a unidade de sentido por excelência, de vez que não produzimos palavras e frases isoladas e que os gêneros, tanto orais quanto escritos, sejam o tipo de enunciado usado no contexto discursivo para a produção de efeitos de sentido e, ainda, que a oralidade e escrita fazem parte do mesmo sistema linguístico.

Objetivos:

- Apresentar a linguagem como uma atividade de natureza social e dialógica constituída na interação verbal;
- Elencar e distinguir os usos das funções da linguagem na comunicação humana;
- Distinguir os conceitos de texto, gênero e discurso para a compreensão dos fenômenos linguísticos;
- Apresentar as duas modalidades da linguagem (fala e escrita), diferenciando a construção de um texto oral de um escrito.

A importância da linguagem

UN 01

A linguagem é o principal instrumento de interação entre os indivíduos. Ela possui características tais como a simbolização, regularidade, produtividade e intencionalidade, presentes em todas as linguagens; porém, na linguagem humana, isto se dá com maior complexidade do que nas outras espécies. Os outros animais possuem formas de interação muito restritas, que ocorrem por meio dos sentidos, como por exemplo, pelo cheiro, cor e som. O homem se utiliza desses e outros expedientes na interação social e, por isso, podemos defini-la como a capacidade especificamente humana para aquisição e utilização de sistemas simbólicos e complexos na comunicação.

Além disso, o uso da linguagem está enraizado na cultura humana, servindo à expressão da identidade, da estratificação social e da manutenção da comunidade linguística. Estes elementos fundamentais sobre a linguagem humana serão vistos na seção abaixo.

A linguagem e a vida social

UN 01

A linguagem é a forma mais eficaz de o homem relacionar-se consigo e com o mundo que o rodeia. Percebe-se isso facilmente quando observamos, por exemplo, que é pela posse e uso da linguagem, falando e escrevendo ao próximo ou mentalmente a nós mesmos, que conseguimos organizar nosso pensamento e torná-lo articulado, concatenado e nítido de forma que o outro compreenda.

É assim também que a criança deixa para trás o balbucio e a expressão fragmentada, que é pouco compreensível para incorporar a linguagem dos adultos. Assim, começa a construir uma nova forma de raciocínio, que não decorre apenas do desenvolvimento do cérebro, mas também da circunstância de que o indivíduo dispõe da língua materna, a serviço de todo o seu trabalho de atividade mental, como diz Câmara Júnior (2010). É por isso que falar parece uma coisa natural para nós, como correr, andar, dormir, brincar, etc. Veja a seguir a tirinha:



A vida em sociedade se dá quase exclusivamente pela linguagem, instrumento mais eficiente de ação e interação social. É por meio dela que comunicamos coisas boas ou más, agradáveis ou desagradáveis, e é por meio dela que revelamos verdades ou mentiras. Com ela, podemos dizer coisas que não podemos provar e, ainda, prometer, opinar sobre coisas, eventos ou pessoas, além de influir na decisão de outrem (BORBA, 1998). Assim, dizemos que a sociedade humana é uma consequência da aquisição da linguagem, pois une e integra os indivíduos num mesmo universo – a comunicação.

É válido ressaltar que, para o autor citado acima, a atividade de comunicação não é privilégio dos humanos, mas uma realidade presente em qualquer escala da vida animal. As abelhas, por exemplo, se utilizam de movimentos como a dança para comunicar que há uma fonte de alimento próxima à colmeia; os pintarroxos se agridem por causa das penas vermelhas do pescoço; as borboletas atraem os machos pelo cheiro; há produções vocais como entre as aves e os mamíferos, etc. Os homens servem-se desses e de outros sistemas de comunicação, tornando sua interação mais complexa, como afirma Borba:

Costuma-se dar o nome de linguagem a qualquer desses meios de comunicação, mas, desde os tempos mais remotos, o termo se aplica àquela aptidão humana para associar uma cadeia sonora (voz) produzida pelo chamado aparelho fonador a um conteúdo significativo e utilizar o resultado dessa associação para a interação social uma vez que tal aptidão consiste não apenas em produzir e enviar, mas ainda em receber e reagir à comunicação (BORBA, 1998, p. 9).

13

As características da linguagem

UN 01

FIQUE DE OLHO

A linguagem é um conjunto estruturado de signos que se combinam, de determinada maneira, com vistas à comunicação. As línguas como Português, Inglês e Francês são linguagens; mas também são linguagens: o cinema, a dança, a pintura, a televisão, a música, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), etc.

Para saber mais, assista ao vídeo disponível em:

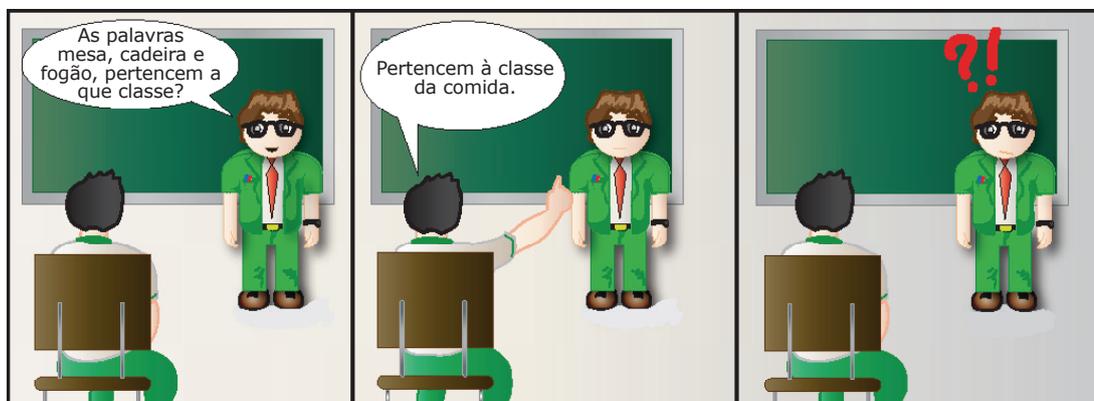
<http://www.youtube.com/watch?v=zKkms6wmZVU>

A linguagem humana, segundo Borba (1998), possui características próprias de sua natureza. Vejamos a seguir:

a) Simbolização - quando se diz que a linguagem é uma atividade simbólica, significa dizer que ela opera com elementos que representam a realidade, sem, contudo, constituírem eles a realidade em si mesma. A palavra “cadeira” não se confunde com o objeto que essa cadeira de som representa, porque ela pode representar outras coisas. Por exemplo, esta pode representar a palavra “quadril” no trecho da música a seguir:

“... ela desce e remexe a cadeira/ a cadeira e rebola...”

Esta pode adquirir outros sentidos quando está relacionada à palavra “disciplina” na universidade, como podemos ver na expressão: “qual cadeira você está pagando?”. Portanto, podemos perceber que as coisas nomeadas não podem substituir as palavras, porque a língua (portuguesa) é um sistema que representa os objetos e os agrupa em classes. Por exemplo: maçã, laranja, banana, uva pertencem à classe frutas.



Banco de Imagens/NFriaD

b) Articulação - todo ato de comunicação é analisável em diversos níveis, com graus variáveis de complexidade. Se analisarmos a frase “As frutas estão maduras”, poderemos obter, de imediato, dois segmentos:

1º) as frutas;

2º) estão maduras.

Se continuarmos segmentando, poderemos deixá-la em quatro partes significativas. As frutas estão maduras → as / frutas / estão / maduras. A palavra “frutas” poderá ser separada em duas unidades *frut* → as, de forma que a unidade “a” determinante do traço de feminino e “s” marca o plural desta palavra, isto é, correspondendo, respectivamente, a gênero e número.

DICA

A articulação da linguagem se refere à parte analisável em elementos menores, ou seja, em unidades mínimas significativas: dotadas de forma fônica (som) e sentido, que se combinam para formar palavras, frases e textos.

VAMOS REFLETIR

Com relação ao conteúdo análise linguística, em quantas partes você segmentaria a palavra “infelizmente”?

c) Regularidade - cada manifestação linguística tem uma significação permanente, capaz de repetir-se idêntica a si mesma nas mesmas circunstâncias. Essa possibilidade de recorrência se deve ao fato de que a linguagem se manifesta por meio de sistemas linguísticos. Essas características podem parecer complicadas, mas veja se você compreenderia se a frase do item anterior estivesse escrita assim: “frutas as maduras estão”. Se fizermos um esforço e organizarmos essas palavras, poderemos entender o que a outra pessoa quis dizer. Por isso, é necessário organizarmos bem a fala e a escrita para que todos possam compreender o que estamos dizendo.

DICA

Erramos muito quando não percebemos que a língua possui formas padronizadas ou regulares de escrita. Veremos adiante que a escrita possui formas de comunicação diferentes da fala (oralidade).

d) Intencionalidade - todo ato de comunicação implica sempre em um propósito claro e definido nas condições em que é produzido. Por isso, a linguagem sempre se refere a alguma coisa, existente ou não, mesmo a objetos distantes no espaço e no tempo em relação ao local e ao momento da comunicação.

A intenção está expressa naquilo que produzimos. Por exemplo, quando um locutor diz: “A lâmpada queimou”, pode ter a intenção apenas de dizer que o objeto não está funcionando; ou se ele disser: “Aquele lâmpada queimou”, pode ser entendido que o locutor está indicando o objeto que não funciona; ou se dissesse: “Pegue a lâmpada queimada”, o locutor teria a intenção de ordenar o interlocutor a praticar a ação de pegar o objeto.

e) Produtividade - a linguagem contém um mecanismo capaz de produzir um número praticamente infinito de mensagens. Você já se deu conta disto: qualquer falante/escritor, em qualquer momento e lugar, pode produzir a mensagem que queira, independentemente de já ter ouvido/lido antes e o ouvinte/leitor pode entender qualquer mensagem, desde que esta esteja em língua que ele conhece. Essa característica está ligada à criatividade ou à capacidade que os seres humanos têm de combinar um pequeno conjunto de sons ou letras para construir uma infinidade de textos.

DICA

A produtividade na linguagem se refere à criatividade quando se manifesta como atividade livre e criadora do espírito humano, isto é, como algo que vai além do aprendido e não está ligado simplesmente à repetição.

EXERCÍCIO PROPOSTO

1. O que diferencia a linguagem humana das de outros animais?
2. Que meios são utilizados pelos outros animais para que haja uma comunicação eficaz?
3. Por quais meios a comunicação humana se manifesta?
4. Quais os traços característicos da linguagem humana?
5. Com base na compreensão sobre o texto lido, apresente os fatores que tornam a linguagem tão importante para a vida social.

A linguagem na interação

UN 01

Com base no que foi dito anteriormente, talvez você já tenha percebido que a linguagem se realiza em situações sociais diversas. Além disso, ela é carregada de sentido, dependendo também de fatores extralinguísticos.

A interação entre as pessoas tem significação decisiva nesse processo de desenvolvimento, pois por meio da linguagem ampliamos nossas interações, negociamos sentidos, trocamos conhecimentos, apropriamo-nos dos discursos e produzimos nossos próprios discursos.

Como diz Bechara (2005), é por isso que na linguagem se manifesta a alteridade, pois a significação é sempre um “ser com outros”, próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens junto a outros, por exemplo, como falantes e ouvintes são sempre co-falantes e co-ouvintes.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1. A linguagem se realiza em situações sociais diversas e é carregada de sentido, dependendo de vários aspectos linguísticos e extralinguísticos. Vejamos o exemplo a seguir, tomado de Koch (1992, p. 14). O enunciado ‘o dia está bonito’, em diversas situações de enunciação, pode ter sentidos bastante diferentes. Qual (is) do(s) sentido(s) esse enunciado pode apresentar?

- Apenas uma afirmação sobre o dia.
- A ideia de que o dia está péssimo.
- A ideia de que o ambiente está propício ao namoro.

2. Considerando o título do cartum e o contexto de enunciação, o texto apresenta a ideia de:

- que o mundo seria destruído no dia 21 de dezembro de 2012.
- que a profecia maia tinha a intenção de mobilizar as pessoas, inclusive os cientistas.
- que há cientistas acreditando nas profecias maias.
- que houve repercussão da profecia maia entre os cientistas.

3. O enunciado a seguir, com entonações diversas, pode produzir sentidos diferentes, dependendo das situações de uso.

- A porta está aberta.

Imagine situações comunicativas em que esse enunciado possa corresponder a sentidos diferentes, conforme a entonação e os diferentes objetivos de enunciação.

Situação 1:

Situação 2:

Os enunciados que produzimos fazem sentido quando conhecemos o que está sendo dito, o modo como está sendo dito e a situação na qual foi dito. Esses fatores tornam os enunciados plenos de significado.

ECOS DA PROFECIA MAIA



4. Ponderando sobre a relação de dependência entre as palavras e o contexto, observe a seguinte frase pronunciada pelo primeiro personagem: “o mundo vai acabar”, que auxilia na construção do sentido. Marque a alternativa incorreta no que se refere ao cartum:

- a) A repetição do enunciado enfatiza o desespero do personagem.
- b) A escrita do enunciado de letras grandes para pequenas retrata o distanciamento dos outros personagens.
- c) Com a escrita do enunciado de letras pequenas para grandes permanece o mesmo sentido.
- d) A construção desse enunciado, tal com está escrito, enfatiza o desespero do personagem e retrata o distanciamento dos outros personagens.

Funções da linguagem

Pelo que foi dito anteriormente, talvez você já tenha percebido que a linguagem se realiza em situações sociais diversas. Além disso, ela é carregada de sentido, dependendo também de fatores extralinguísticos.



UN 01

SAIBA MAIS

Roman Osipovich Jakobson (11/10/1896 – 18/07/1982) foi um pensador russo que se tornou um dos maiores linguistas do século XX e pioneiro da análise estrutural da linguagem e criador das famosas funções de linguagem. Conseguiu apresentar conceitos que até hoje são seguidos. Texto adaptado da Wikipedia. Veja: http://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Jakobson.

FIQUE DE OLHO

Referente (contexto/situação relacionados ao emissor e ao receptor)

Emissor (locutor) → Mensagem → Receptor (interlocutor)

(codifica a mensagem) → (conteúdo que perpassa entre emissor e receptor) → decodifica a mensagem

Código (conjunto de signos usados na transmissão e recepção da mensagem)

Canal (meio pelo qual circula a mensagem)

Cada um dos objetivos vai determinar a construção escrita ou falada de uma mensagem. Há algumas funções consideradas básicas e que estão presentes nos textos de forma especial. As diversas funções coexistem e duas ou três aparecem simultaneamente num mesmo texto, mas sempre transparece uma função preponderante. Focalizaremos, a seguir, seis funções primordiais da linguagem, conforme as intenções do produtor (falante/escritor).

INDICAÇÕES DE LEITURA

Para quem quer se aprofundar sobre o tema, leia: GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Técnicas de redação: o que é preciso saber para bem escrever. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Vamos detalhar aqui como as funções se realizam no texto escrito ou falado.

Quando tem a intenção de informar (função referencial)

Quando a língua é usada para descrever, definir, conceituar, informar sobre alguns objetos ou eventos, dizemos que se evidencia a função referencial, pois se refere primordialmente a uma noção ou fenômeno. Ao utilizarmos essa função, temos a intenção de informar o receptor para que ele saiba de algo que, provavelmente, não sabia ou sabia pouco. O exemplo a seguir é um caso em que a função referencial é preponderante:

A atitude científica

O que distingue a atitude científica da atitude costumeira ou do senso comum? Antes de qualquer coisa, a ciência desconfia da veracidade de nossas certezas, de nossa adesão imediata às coisas, da ausência de crítica e da falta de curiosidade. Por isso, ali onde vemos coisas, fatos e acontecimentos, a atitude científica vê problemas e obstáculos, aparências que precisam ser explicadas e, em certos casos, afastadas (CHAUÍ, 2000, p. 313)

Como você pode observar, não se trata de um texto expressivo. Não quer provocar algum comportamento no leitor, não trata da linguagem como fenômeno nem busca proporcionar experiência estética especial. O objetivo é transmitir informações a respeito de uma realidade.

FIQUE DE OLHO

Descrever, expor, relatar, conceituar, definir são formas de linguagem que evidenciam a função referencial. Geralmente, o autor se distancia ou desaparece quase completamente para tornar a informação bastante neutra, imparcial, clara e objetiva. É como se a realidade falasse por si própria, sem a interferência das impressões do autor. Os recursos explorados pela literatura para chamar a atenção para a estrutura da linguagem (repetições, inversões, eliminação de elementos sintáticos, etc.) são evitados. O que ganha evidência é a informação.

Textos produzidos com essa função procuram:

- Relatar com fidelidade dados do mundo e da realidade;
- Explicar fatos ou apresentar afirmações valorativas de outrem sobre determinado assunto.

É a função informativa que permite que o trabalho conjunto se desenvolva. Operar bem essa função da linguagem possibilita que cada indivíduo continue sempre a aprender. A linguagem serve também para expressar a subjetividade de quem escreve/fala.

Quando tem a intenção de expressar a subjetividade (função emotiva)

Muitos textos têm natureza essencialmente subjetiva, concentrando-se na expressão individual de quem os produz. Para a expressão de nossos pensamentos, podemos produzir textos, como diários, depoimentos, cartas, bilhetes, artigos, poemas.

Dizemos então que a função da linguagem está centrada no EU, na função expressiva ou emotiva, pois o objetivo principal do texto é transmitir ou registrar os sentimentos, pensamentos e emoções de uma pessoa. A voz que assume a “fala”, nesse tipo de texto, é a própria voz do autor. Por isso, a primeira pessoa do singular é utilizada com muita frequência. Veja o exemplo no texto a seguir:



Nessa tirinha, Fulanim exprime seus sentimentos por causa de um rompimento amoroso. Com palavras, ele objetiva e expressa os sentimentos e as emoções. Da mesma forma que exprimimos a revolta e a alegria, expressamos o sentimento amoroso e explodimos de raiva, manifestamos desespero, desdém, desprezo, admiração, dor, tristeza. Inúmeras vezes, contamos coisas que fizemos para afirmarmo-nos perante o grupo, para mostrar nossa valentia ou nossa erudição, nossa capacidade intelectual ou nossa competência na conquista amorosa.

Além disso, com a linguagem podemos influenciar e ser influenciados pelos outros.

Quando tem a intenção de convencer (função conativa ou apelativa)

A função da linguagem que está centrada no leitor/ouvinte, ou seja, que está presente em textos cujo objetivo é influenciar a atitude de quem lê ou ouve, alterando o seu comportamento, é a função apelativa. Geralmente, nesses textos, se utiliza uma instrução de procedimentos, uma ordem, uma súplica, uma orientação, uma sugestão. Fiorin (2013, p. 15) diz que “ao fazermos uso da linguagem com essa função, levamos os outros a fazer determinadas coisas, a crer em determinadas ideias, a sentir determinadas emoções, a ter determinados estados de alma (amor, desprezo, desdém, raiva, etc.). Por isso, podemos dizer que ela modela sentimentos, emoções, paixões”.

Há textos publicitários que nos influenciam de maneira bastante sutil, com tentações e seduções, dizendo-nos como seremos bem-sucedidos, atraentes, charmosos, se usarmos determinadas marcas, se consumirmos certos produtos. As insinuações e a ameaça, que são expressas pela linguagem, também servem para levar alguém a fazer alguma coisa.

Vejamos na propaganda a seguir:



Utilizando os elementos linguísticos que posicionam o interlocutor (receptor), o anúncio acima tem o propósito de influenciá-lo. O locutor centraliza a mensagem para o leitor, fazendo com que este mude o comportamento em relação aos desmatamentos. Podemos dizer que a função preponderante é centrada no leitor, no seu comportamento, na sua reação, na sua escolha futura. Assim, as informações estão organizadas de forma a atingir essa meta, colocando as ações do leitor em evidência. Seria menos eficaz se o locutor apenas dissesse: “não desmate as florestas”. Mas a linguagem não se presta somente a informar, a influenciar, a exprimir as emoções e os sentimentos; se presta também a apenas manter contato com o interlocutor.

Quando tem a intenção de criar e manter laços (função fática)

A palavra fática significa “ruído, rumor”. Foi utilizada inicialmente para designar certas formas que se usam para chamar a atenção (ruídos como psiu, ah, ei). Essa função ocorre quando a mensagem se orienta sobre o canal de comunicação ou contato, buscando verificar e fortalecer sua eficiência. O cartum a seguir deixa claro o uso dessa função.



O uso do termo “alô” procura manter contato com o interlocutor, fazendo com que o diálogo se desenvolva. Isso acontece com muita frequência nas conversas por telefone. A pessoa que atende, geralmente, usa expressões como: “alô”, “quem fala”, “oi”, etc. Essas e outras expressões do cotidiano são exemplos claros de como usamos essa função.



▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

Leia o fragmento de texto:



1. Que função da linguagem predomina no texto ao lado:
 - a) A linguagem como expressão individual
 - b) A função centrada no leitor ou apelativa
 - c) A linguagem que explica a língua
 - d) A função centrada no referente

Olá, como vai?
 Eu vou indo, e você tudo bem?
 Tudo bem, eu vou indo, correndo,
 pegar meu lugar no futuro. E você?
 Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono
 Tranquilo, quem sabe?
 Quanto tempo...
 Pois é, quanto tempo...
 (Paulinho da Viola. Sinal fechado. Philips, 1974)

2. Na canção “Sinal fechado”, Paulinho da Viola explora o tema dos encontros apressados entre velhos amigos que não se veem há muito tempo e são obrigados a conversar, sem ter muito a dizer um ao outro. Qual função da linguagem predomina neste texto? Justifique.

Quando tem a intenção de explicar a própria língua (função metalinguística)

A linguagem tem também a função de falar sobre si própria.

Quando utilizamos a linguagem para explicar termos e expressões, estamos fazendo uso da função metalinguística, na qual predominam os enunciados nos quais o código, ou parte dele, constitui o objeto de descrição.

Os exemplos mais claros são os textos da gramática, dos livros didáticos de Língua Portuguesa e do dicionário. É a língua falando sobre a própria língua. Em um dicionário, é ainda mais evidente essa ausência de um autor explicitamente identificável no texto. Observe os verbetes a seguir:

Ciência

s.f. 1) Conjunto organizado de conhecimentos relativos a certas categorias de fatos ou fenômenos. (Toda ciência, para definir-se como tal, deve necessariamente recortar, no real, seu objeto próprio, assim como definir as bases de uma metodologia específica: ciências físicas e naturais.). 2) Conjunto de conhecimentos humanos a respeito da natureza, da sociedade e do pensamento, adquiridos através do desvendamento das leis objetivas que regem os fenômenos e sua explicação: o progresso da ciência. 3) Ciência pura, ciência praticada independentemente de qualquer preocupação de aplicação técnica. 4) Ciência política, politicologia.

Fonte: <http://www.dicio.com.br/>.

Há um conjunto de recursos que dispensa a voz do dicionarista. Cada verbete, pela forma como está organizado, proporciona ao leitor o caminho para compreender os significados, a morfologia, os possíveis usos e as relações entre as palavras.

É por meio desses textos que ampliamos nosso universo linguístico. A língua é um dos instrumentos mais importantes na conquista da identidade e da cidadania. Quando uma pessoa tem um bom vocabulário e sabe combinar adequadamente as palavras, dispõe de uma excelente ferramenta social para exercer suas tarefas na sociedade, mas quando sua linguagem apresenta problemas, seja no acervo e escolha de palavras, seja em sua combinação, percebemos que alguma coisa não funciona bem: pausas, truncamentos, titubeios na fala e falhas e inadequações na escrita são um problema sempre.

FIQUE DE OLHO

As definições matemáticas são exemplos clássicos de funções metalinguísticas.

Triângulo é a figura geométrica que ocupa o espaço interno limitado por três linhas retas que concorrem, duas a duas, em três pontos.

Saber matemática é saber usar o conhecimento metalinguístico dessa área.

Quando tem a intenção de embelezar o texto (função poética)

Encontramos a função poética da linguagem quando a intenção do autor de um texto é extrair da linguagem suas mais altas possibilidades expressivas, jogar com as potencialidades latentes nas palavras e criar combinações novas e originais. Essa elaboração provoca no leitor uma espécie de experiência estética prazerosa, de estranhamento agradável, ou seja, chama a atenção para a organização e estruturação do texto, mais que para a informação, o apelo ou a confissão.

Dizemos então que o texto é opaco, em oposição à transparência do texto informativo, pois chama a atenção para si mesmo, para sua elaboração especial e intencional. Nesses casos, temos a arte que utiliza a linguagem verbal, a palavra, como material de criação: a literatura.

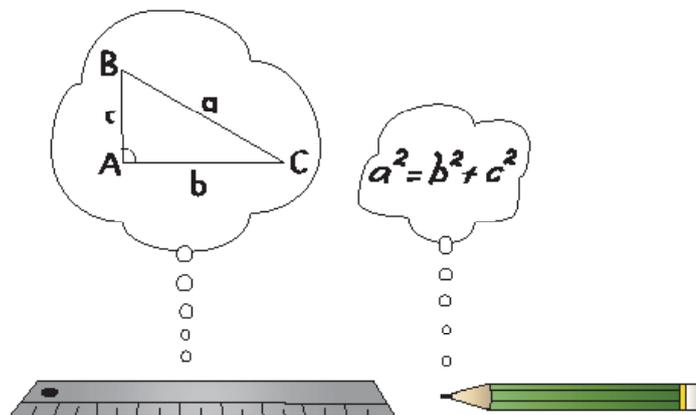
Fico Assim Sem Você

Avião sem asa
 Fogueira sem brasa
 Sou eu assim sem você!
 Futebol sem bola
 Piu-piu sem Frajola
 Sou eu assim sem você!
 Porque é que tem que ser assim?
 Se o meu desejo não tem fim
 Eu te quero a todo instante
 Nem mil alto-falantes vão poder falar por mim!

Composição: Cacá Moraes / Abdullah.

EXERCÍCIO PROPOSTO

1. O desenho abaixo pertence ao livro “Só dói quando eu respiro”, de Caulos. Observe, atentamente, o desenho.



Explique quais são as linguagens usadas pela régua e pelo lápis.

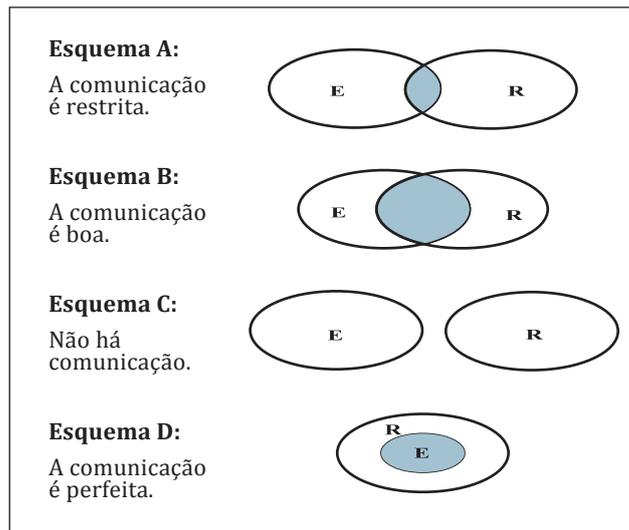
2. Você tem quatro situações e quatro esquemas dos processos de comunicação. Relacione-os:

Situação 1: Tentativa de conversa entre um brasileiro e um japonês, em que um não fala a língua do outro.

Situação 2: Conversa entre um norte-americano e um estudante brasileiro que estuda inglês há pouco tempo.

Situação 3: Palestra de um professor universitário a alunos do Ensino Médio.

Situação 4: Palestra de um professor universitário a outros professores universitários.



Texto, gênero e discurso

UN 01

Neste tópico, veremos alguns dos conceitos fundamentais, como o de texto, de gênero e de discurso. O texto é qualquer unidade linguístico-composicional em forma de som, imagem, sinais, etc., na qual o locutor mobiliza recursos para a realização de algum ato comunicativo a partir da relação com o interlocutor. O gênero está relacionado à escolha de unidade padronizada para determinado objetivo na comunicação; logo, é definido pela estrutura composicional, pela temática desenvolvida e pelo estilo verbal da produção textual. O discurso é o efeito de sentido que o texto vai apresentar ao interlocutor. Essas noções contribuem para uma visão leitora sobre os diversos textos produzidos na sociedade.

Texto

A palavra texto tem origem no latim *textus*, que significa ‘tecer, fazer tecido, entrançar, entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando, compor ou organizar o pensamento nas modalidades escrita e oral’.

Para se compreender melhor o sentido dessa palavra nos estudos da linguagem, Fávero e Koch (1983, p. 25) dizem que o texto “consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão”, ou seja, o texto é uma unidade linguística básica no ato de comunicação, de vez que esta não ocorre por meio de palavras ou frases soltas.

Por exemplo, a palavra “socorro” pode ser considerada um texto se você levar em consideração o contexto em que ela é produzida. Primeiramente, pode estar relacionada a uma pessoa que se chama Socorro; pode também se referir a um pedido de ajuda, de auxílio. Assim, você pode perceber que a palavra acima se tornou um texto porque não está solta, separada do contexto. Esse fenômeno faz com que o texto seja considerado uma unidade sociocomunicativa, semântica e formal.

FIQUE DE OLHO

Ao construir um texto, você faz uso de diferentes conhecimentos, procurando interagir com outros indivíduos em determinados contextos sociais. Isso acontece porque você não é um ser que vive isolado. Ao contrário, você é um agente social inserido numa rede de relações que acontecem em lugares específicos na sociedade. Em casa, por exemplo, você produz textos orais e escritos diferentes da produção na escola, no trabalho, etc., porque os contextos sociais fazem com que a fala e escrita sejam conforme os participantes.

Costa Val (1999, p. 3-5) expõe três aspectos sob os quais o texto deve ser observado: o pragmático, o semântico e o formal. No aspecto pragmático, a autora diz que um texto é, primeiramente, uma unidade de linguagem em uso, que cumpre uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa.

Tem papel determinante em sua produção e recepção uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilitam que seja reconhecido como um emprego normal da língua. Cada ato comunicativo, para essa autora, possui elementos peculiares, tais como: as intenções do produtor, o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso e além do espaço de perceptibilidade visual e acústica comum, na comunicação face a face. Desse modo, o que é pertinente numa situação pode não o ser em outra.

FIQUE ATENTO

Os fatores pragmáticos de um texto serão tratados na segunda unidade.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

Leia a tira abaixo de Luís Fernando Veríssimo e responda as questões propostas.



Banco de imagens NEAD/UFERSA

1. A tira retrata duas situações de comunicação: uma em que o pai da moça conversa com o namorado dela; e outra em que os pais da moça conversam entre si.

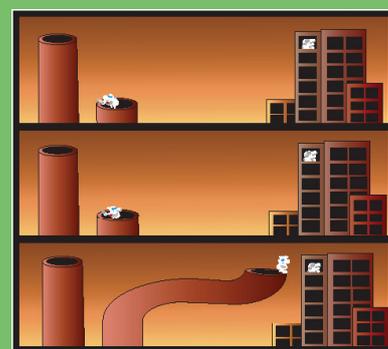
- Considerando apenas a primeira situação, qual a intenção do namorado da moça? Pode-se pensar que ele tinha outra intenção?
- Antes da conversa que o pai da moça teve com o namorado, ele tinha uma imagem do futuro genro. Que imagem era essa? Depois da conversa, qual imagem ele tem agora?
- O assunto que o namorado queria conversa com o pai da moça era pertinente?

Outra característica básica do texto é a unidade semântica. Uma ocorrência linguística de qualquer extensão para ser um texto precisa ser percebida pelo ouvinte ou pelo leitor como um todo significativo, ou seja, como um todo coerente. A coerência é o fator responsável pelo sentido do texto. Só atribuímos sentido quando percebemos coerência naquilo que é dito e escrito.

VAMOS REFLETIR

O texto ao lado, se fizemos uma leitura superficial, pode não apresentar coerência, mas veja:

- O texto apresenta uma sucessão lógica dos fatos;
- O texto mostra uma noção implícita de tempo;
- A sequência dos fatos apresenta uma noção implícita de causa/consequência.



Banco de imagens/NEAD

Finalmente, o texto se caracteriza por sua unidade formal, material. Seus constituintes linguísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso. Esses aspectos apresentados pela autora, às vezes, são confundidos com a noção de gênero textual.

FIQUE DE OLHO

Falaremos sobre coesão e coerência na próxima unidade.

Gênero textual

Em qualquer lugar onde há atividade humana, há gêneros textuais orais ou escritos sendo produzidos. Você pode encontrar gêneros em quase todas as partes. Em casa, por exemplo, podemos ver alguns adesivos na porta da geladeira com recados, números telefônicos, bilhetes, avisos, etc. Além desses, temos as contas de água e de luz; no supermercado, nos deparamos com vários deles, desde o panfleto que, em geral, recebemos logo que entramos no ambiente, bem como uma infinidade de placas, indicações de ofertas, letreiros, rótulos de produtos, a nota fiscal que recebemos no caixa e o dinheiro que pagamos pelos produtos. Com esses exemplos, talvez você tenha visto que os gêneros textuais se apresentam em grande quantidade.

Por isso, quando produzimos textos orais ou escritos, construímos formas padronizadas de enunciação. Bakhtin (2003, p. 262) define os gêneros textuais como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, com formas relativamente estáveis e normativas do enunciado. As cartas, os bilhetes, *os e-mails*, *os blogs*, *os chats*, etc. possuem formas padronizadas. A estrutura de uma carta é diferente do bilhete, as palavras e o estilo de escritura também são. Cada gênero possui suas particularidades. Por isso, todos os gêneros textuais “dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza”. (BAKHTIN, 1992, p. 302).

VAMOS REFLETIR

Refleta um pouco mais sobre os gêneros textuais:

- Além dos mencionados acima, você conhece outros gêneros? Escreva-os.
- Escolha um desses gêneros que você mencionou e responda em que situação de uso de linguagem ele pode ser utilizado?
- Considerando essa situação, a linguagem empregada deve ser formal ou informal? Por quê?

Os gêneros textuais podem ser caracterizados por três aspectos:

- Construção composicional, que são os procedimentos composicionais para a organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva e da relação dos participantes da comunicação discursiva, tema ou objeto do discurso;
- Conteúdo temático e estilo verbal, constituídos pela seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua;
- Atividade de comunicação humana, mais especificamente as situações de interação dentro de determinada esfera social (do trabalho, científica, escolar, religiosa, jornalística, etc.).

Para você compreender melhor, veja os textos a seguir.

PAPO FURADO

Luís Fernando Veríssimo

- Iminência...
- Você quer dizer “eminência”.
- O quê?
- Você disse “iminência”. O certo é “eminência”.
- Perdão. Sou um servo, um réptil, um nada. Uma sujeira no seu sapato de cetim. Mas sei o que digo. E eu quis dizer “iminência”.
- Mas está errado! O tratamento certo é “eminência”.
- Não duvido da sua eminência, monsenhor, mas o senhor também é iminente. Uma iminência eminente. Ou uma eminência iminente.
- Em que sentido?
- No sentido filosófico.
- Você tem dois minutos para se explicar, antes que eu o excomungue.

- Somos todos iminentes, monsenhor. Vivemos num eterno devir, sempre às vésperas de alguma coisa, nem que seja só o próximo segundo. Na iminência do que virá, seja o almoço ou a morte. À beira do nosso futuro como de um precipício. A iminência é o nosso estado natural. Pois o que somos nós, todos nós, senão expectativas?

- Você, então, se acha igual a mim?

- Nesse sentido, sim. Somos co-inentes.

- Com uma diferença. Eu estou na iminência de mandar açoitá-lo por insolência, e você está na iminência de apanhar.

- O senhor tem esse direito hierárquico. Faz parte da sua eminência.

- Admita que você queria dizer "eminência" e disse "iminência". E recorreu à filosofia para esconder o erro.

- Só a iminência do açoite me leva a admitir que errei. Se bem que...

- Se bem quê?

- Perdão. Sou um verme, uma meleca, menos que nada. Um cisco no seu santo olho, monsenhor. Mas é tão pequena a diferença entre um "e" e um "i" que o protesto de vossa eminência soa como prepotência. Eminência, iminência, que diferença faz uma letra?

- Ah, é? Ah, é? Uma letra pode mudar tudo. Um emigrante não é um imigrante.

- É um emigrante quando sai de um país e um imigrante quando chega em outro, mas é a mesma pessoa.

- Pois então? Muitas vezes a distância entre um "e" e um "i" pode ser um oceano. E garanto que você terá muitos problemas na vida se não souber diferenciar um ônus de um ânus.

- Isso são conjunturas.

- Você quer dizer "conjeturas".

- Não, conjunturas.

- Não é "conjeturas" no sentido de especulações, suposições, hipóteses?

- Não. "Conjunturas" no sentido de situações, momentos históricos.

- Você queria dizer "conjeturas" mas se enganou. Admita.

- Eu disse exatamente o que queria dizer, monsenhor.

- Você errou.

- Não errei, iminência.

- Eminência! Eminência!

fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/NzlwMzEy/>

PAPO FURADO

Gustavo Lins

Sei que tem alguém do lado

Que tá me evitando

Mas quer meu amor

Eu não sei mandar recado

Quando estou amando bem direto eu sou

Quer saber tô falando é com você

Porque não acreditar no amor

Que eu quero te dar
 Não cai nessa armadilha
 Tão botando pilha
 Mas vou te dizer Que essa história de passado
 É papo furado não tem nada a ver
 Eu não sou só mais um conquistador
 Meu amor é pra valer
 Deixa então eu provar pra você
 Não é fácil encontrar um amor pra se entregar
 Então pára de ouvir o que falam por aí
 Quando estou com você qualquer um consegue ver
 Tô vidrado, amarrado, loucamente apaixonado

Fonte: <http://letras.mus.br/gustavo-lins/82491/>

Sabemos que o primeiro texto é uma crônica e o segundo é uma poesia. Por quê? Porque os gêneros têm um modo de composição, ou seja, uma forma de estruturação e esquematização que lhes são próprias. A estrutura de uma crônica se constrói em torno de personagem, fazendo com que o leitor reflita sobre as situações do cotidiano. A poesia é composta de versos e estrofes, com ou sem rimas. Portanto, a composição de um gênero “leva em conta a forma de organização, a distribuição das informações e os elementos não-verbais: a cor, o padrão gráfico ou a diagramação típica, as ilustrações” (KOCH, 2006, p. 109-110).

O conteúdo temático dos textos acima se estrutura sobre o mesmo tema: uma conversa sem fundamento, uma mentira. Na poesia, predomina a expressão do sentimento que fala de si e de suas emoções e pensamentos. Na crônica, o conteúdo temático gira em torno de acontecimento de ordem política, social, cotidiana, econômica, etc.

O estilo usado em cada gênero é diferente. Na poesia, há expressão máxima do trabalho do autor nas escolhas realizadas para a construção do texto. Na crônica, exige-se que o autor utilize um estilo de comunicação mais formal.

FIQUE ATENTO

Os gêneros textuais são como ferramentas que utilizamos em determinadas situações de comunicação.

Antes de começar a escrever, temos que tomar algumas decisões importantes relativas ao texto que vamos produzir: o objetivo do texto, a situação de uso, o leitor, o nível da linguagem, etc.

Discurso

Orlandi (2003, p. 28) diz que “O discurso é feito de sentidos entre locutores”. Vamos entender melhor o que ela quis dizer com efeito de sentido, usando um exemplo a seguir.



Banco de Imagens/NEaD

O discurso depende das seguintes situações de comunicação: a) Quem está falando e para quem está sendo falado? b) Com que intenção? c) Quais palavras devem ser ditas na ocasião? Nessas situações, não podemos prever o efeito que nossas palavras podem produzir no interlocutor. Fulanim, na tininha acima, tenta conquistar a menina que está ao lado dele por meio de uma conversa envolvente, associando a beleza da lua às qualidades dela, porém o efeito produzido não foi o que ele pretendia.

Oralidade e escrita

UN 01

Garcez (2008) afirma que a oralidade e escrita fazem parte do mesmo sistema, porém são parcialmente semelhantes. A oralidade consiste no uso da linguagem no ambiente (na situação imediata de comunicação) onde o interlocutor está presente, observando os gestos, entonações, expressões faciais do locutor. A escrita não se utiliza desses recursos típicos da fala: ela se caracteriza pela ausência física de um receptor, o que exige mais rigor na produção e maior distanciamento da linguagem coloquial. A escrita não é a simples transcrição da fala. Veremos a seguir a distinção entre a modalidade oral e escrita da linguagem.

Oralidade

Em situações de comunicação do cotidiano, em conversas com familiares, professores, amigos, opinamos sobre os mais diversos assuntos: futebol, sexo, economia, novela, etc. É nesses contextos que usamos a linguagem oral de forma “mais solta, livre, espontânea e emotiva” e refletindo “sempre um contato humano direto” (NICOLA, 1998, p. 265).

Garcez (2008) apresenta algumas características peculiares dessa modalidade. A oralidade:

- É mais espontânea – não planejamos com antecedência o que vamos falar, exceto em situações muito formais ou delicadas;
- Conta com o apoio da situação física, do contexto imediato, do conhecimento do interlocutor, das expressões faciais, dos gestos, das pausas, das referências a ambientes;
- Permite que o locutor repita informações, explique algum item mal compreendido, resolva dúvidas do interlocutor;
- Faz uso de frases mais curtas e simples;
- Apresenta truncamentos, cortes, repetições, titubeios e problemas de concordância;
- Usa expressões dialetais (gírias, regionalismos) com mais frequência.

Porém, há situações de comunicação nas quais o uso da linguagem oral se constitui de maneira mais regrada. Exige-se atenção para o timbre da voz, altura da emissão vocal, para a entonação das frases e que se saiba jogar adequadamente com gestos do corpo, dos braços, das mãos e da fisionomia, segundo Câmara Júnior (2010).

VAMOS REFLETIR

Numa entrevista de emprego:

- O uso da linguagem dever ser mais planejado ou menos planejado?
- A expressão produzida pela entrevistada pertence ao uso oral ou ao escrito da língua? Justifique.



tudodebonn.blogspot.com

FIQUE DE OLHO

Graus de formalidade na comunicação

A linguagem formal é mais cuidadosa na variedade culta e padrão da língua. Os gêneros textuais que utilizam essa maneira de expressar são: jornais e revistas de circulação nacional.

A linguagem coloquial é utilizada no cotidiano em que não se exige atenção total à gramática, de modo que haja mais fluidez na comunicação oral e escrita. Por exemplo, os diálogos com os colegas, na oralidade; e os bilhetes e listas de compras, na escrita.

A linguagem casual apresenta o uso frequente de gírias, que é um indicador do relacionamento próprio de um grupo social. Nesse uso, percebe-se uma completa integração entre falante e ouvinte.

A linguagem informal é usada nas correspondências entre os membros de uma família ou entre amigos íntimos.

Adaptado de Travaglia (1996, p. 55).

Escrita

Como foi dito antes, a linguagem é uma atividade de natureza social que se realiza por meio das interações verbais. Esse fato provoca algumas mudanças sobre a produção escrita de qualquer gênero. Escrever é uma prática social que requer conhecimento das condições de realização do texto - para quê, para quem, como, quando e onde se escreve - e escrever bem resulta de uma técnica elaborada, que tem de ser cuidadosamente incorporada pela prática.

Por esses motivos, Garcez(2008) apresenta algumas características dessa modalidade e afirma que a escrita:

- É planejada com mais cuidado para que o texto possa assegurar ao leitor compreensão das ideias sem apresentar mais explicação;
- Antes de ser lida, poder ser revista e avaliada para poder se adequar às condições de produção e evitar repetições desnecessárias;
- Utiliza-se de construções sintáticas complexas, permitindo exatidão e clareza do pensamento;
- Usa-se vocabulário mais exato e preciso, de vez que o produtor tem tempo para procurar a palavra mais adequada;
- Evita gírias e expressões coloquiais quando o texto é formal.

A escrita não é uma transcrição da fala. Ela possui características próprias e exigências diferentes da oralidade.

Apresentamos a seguir uma síntese da distinção feita sobre a oralidade e a escrita.

ORALIDADE	ESCRITA
Espontânea	Planejada
Evanescente	Duradoura
Apoio ao contexto imediato	Ausência de contexto imediato
Interlocutor presente	Interlocutor ausente
Truncamentos, repetições, redundância	Controle da sintaxe, da redundância e da repetição
Predomínio de orações simples e orações coordenadas	Predomínio de orações complexas e subordinadas

INDICAÇÕES DE LEITURA

O autor Câmara Júnior, no livro Manual de expressão oral e escrita, apresenta mais informações.

Tópico de escrita

UN 01

O processo de produção de um texto consiste em planejar, escrever, revisar e reescrever. O planejamento exige que você empregue formas de seleção e organização das ideias. A escrita faz com que a estrutura textual seja clara e facilite a leitura de informações, pois o leitor pode antecipar padrões de organização textual comumente encontrados em textos do mesmo gênero. O estilo que você assume no seu texto pode ser equacionado com o “tom” com que você aborda seu tópico e com o público-alvo que você tem em mente quando começa a escrever. A revisão a cada versão do texto e, de modo especial, na versão final, é necessária para que você aprenda a ler seu texto com distanciamento e espírito crítico. Uma boa estratégia para isso é deixar o texto “descansar” por algum tempo ou algumas horas para depois retomá-lo. É a reescrita ou refação do texto. Assim, você refaz o texto, dando a legibilidade necessária para que seu destinatário construa sentidos para o que escreveu.

Apresentamos a seguir algumas sugestões de produção de gêneros escritos como a receita e o relatório.

<p>• RECEITA</p> <p><i>Leia a música “Os anjos”, de Legião Urbana:</i></p> <p>Hoje não dá Hoje não dá Não sei mais o que dizer E nem o que pensar Hoje não dá Hoje não dá A maldade humana agora não tem nome Hoje não dá Pegue duas medidas de estupidez Junte trinta e quatro partes de mentira</p>	<p>Coloque tudo numa forma Untada previamente Com promessas não cumpridas Adicione a seguir o ódio e a inveja Dez colheres cheias de burrice Mexa tudo e misture bem E não se esqueça antes de levar ao forno temperar Com essência de espírito de porco Duas xícaras de indiferença E um tablete e meio de preguiça</p> <p>(Dado Villa-Lobos/Renato Russo, O Descobrimento do Brasil, 1993)</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Veja que o autor empregou algumas características desse gênero e obteve uma receita singular, original e poética que não agrada ao paladar, mas desperta a sensação de indignidade. Se você é do tipo de pessoa que gosta de preparar aquele lanche predileto antes de iniciar os estudos de matemática, então vai gostar de produzir uma receita utilizando as seguintes situações:

O valor que uma pessoa paga ao final de um mês no seu plano de celular pós-pago, pagando um valor fixo mais outro valor variável em termos do tempo de uso em ligações. Digamos que o valor da assinatura seja fixo em R\$ 25,00 e o custo de ligação é R\$0,15 por minuto de chamada. Assim, o valor total do pré-pago pode ser representado pela lei: $f(x) = 25 + 0,15x$, onde x é o tempo de ligações, em minutos; e $f(x)$ é o preço total a ser pago, em reais.

Seguindo a estrutura da receita, no todo ou em partes, invente os ingredientes, o modo de preparo, dicas de decoração, etc., relacionando-os de forma que resulte numa receita coerente. Para essa produção, leve em consideração que:

- A receita será lida aos alunos como instruções para que eles possam resolver o problema, escutando a leitura da receita;
- A motivação da produção da receita é o aprendizado do aluno em relação a estudo sobre a função afim.



<http://www.egge.unicamp.br/e-unicamp/publi c/?detail&repo=imagens&itemid=3>

Relatório

Há a seguir o roteiro de uma experiência bastante simples. Realize-a e, em seguida, escreva um relatório.

CAIXA DE PAPEL

Tipo do recurso: Experimento prático

Objetivo: Discutir com o aluno o conceito de volume aliado ao comportamento de funções.

Material: Folha de papel A4, régua (O uso de uma régua de 30 cm é melhor por conta do tamanho da folha A4); lápis; tubo de cola; tesoura.

Procedimento:

Com o auxílio da régua, faça quadrados de lado nos quatro cantos da folha A4. Anote, próximo ao lado desse quadrado, o valor utilizado. Em seguida, para montar a caixa, corte um dos lados de cada um dos quadrados; depois, cole a face do quadrado de forma a montar uma caixa. Por último, faça o cálculo do volume da caixa.

Texto adaptado da seguinte fonte: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/handle/mec/15587>.

Feito esse experimento, pratique a escrita de um relatório.

FIQUE DE OLHO

- O relatório tem por objetivo expor a investigação de um fato, acontecimento ou experiência científica;
- Pode servir-se de descrições, enumerações, exposições narrativas, gráficos, etc.;
- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão;
- A linguagem deve ser precisa e objetiva de acordo com norma culta da língua.

II

TEXTUALIDADE E TIPOLOGIA

Nesta unidade, o texto é apresentado como uma unidade sociocomunicativa pela qual trocamos informações ou ideias. Nessa perspectiva, vários elementos são levados em consideração quando se escreve um texto. Dentre eles estão: o desenvolvimento de ideias, a distribuição dos tópicos, a seleção das palavras, a contextualização e o estilo.

São apresentados também os conceitos de coesão e coerência, que são mecanismos que estabelecem a conectividade e retomada do que foi escrito ou dito na superfície textual. A coerência envolve os nexos de sentidos entre as partes do texto com o contexto. No decorrer são abordadas, ainda, as definições de intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, classificadas como mecanismos pragmáticos.

Objetivos:

- Aprofundar a noção de texto e mostrar os mecanismos internos e externos na produção de um texto;
- Compreender o conceito de coesão e aplicá-lo nas relações de produção textual;
- Compreender que o autor de um texto deve lhe atribuir uma sequência lógica e progressiva, de forma que se instaure sentido e coerência;
- Apresentar formas práticas de desenvolvimento de parágrafos, utilizando os recursos da coesão e da coerência.

Mecanismos de articulação textual

UN 02

O ato de escrever deve ser tão natural como a ação de falar, pois são atividades de interação social. Quando escrevemos, estamos, ao mesmo tempo, fazendo uma troca de informações ou ideias com alguém. Por esse motivo, a escrita exige que o autor conheça seu interlocutor, ou seja, para quem o texto foi escrito. É importante ressaltar, ainda, que alguns critérios são levados em consideração no momento em que se escreve um texto, dentre eles: o desenvolvimento das ideias e a distribuição dos tópicos, a seleção das palavras, a contextualização e o estilo.

Esses mecanismos linguísticos e extralinguísticos (chamados também de fatores pragmáticos) estabelecem a conectividade e retomada do que foi escrito ou dito. Esses são chamados de referentes textuais, que buscam garantir a coesão textual para que haja coerência não apenas entre os elementos que compõem a oração, como também entre a sequência de orações dentro do texto.

Beaugrande e Dressler (1983, apud Costa Val, 1999) apresentam um conjunto de sete mecanismos constitutivos da textualidade:

- A coerência e a coesão, critérios textuais;
- A intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, critérios centrados no uso da língua.

DICAS

Os gêneros textuais são como ferramentas que utilizamos em determinadas situações de comunicação.

Antes de começar a escrever, temos que tomar algumas decisões importantes relativas ao texto que vamos produzir: o objetivo do texto, a situação de uso, o leitor, o nível da linguagem, etc.

Antes de iniciarmos o estudo sobre os mecanismos extralinguísticos da textualidade, faça uma atividade de reflexão.

EXERCÍCIO PROPOSTO

REUNIÃO REGIONAL EM LAVRAS DISCUTIRÁ C&T PARA OS MUNICÍPIOS



1. Tomando por base a imagem, juntamente com os diálogos acima, responda:

- Onde foi publicado o texto?
- Qual o fato noticiado?
- Que motivos levaram à produção desse cartum?
- Quem você acha que se dirige o texto?
- Qual o ponto de vista de quem escreveu o texto?

Partindo do que foi refletido na atividade anterior, pode-se perceber que o uso da escrita é muito mais do que o domínio do sistema gráfico da língua utilizado para registrar notícias, documentos governamentais, contos, etc. Escrever é fazer uso social de um instrumento cultural que permite ao sujeito refletir sobre o que vai dizer, para quem vai dizer e como vai dizer, além de elaborar o conhecimento das condições sociais de comunicação e tomar consciência de si e do mundo que o rodeia. Por isso, se faz relevante explanar sobre os fatores pragmáticos da comunicação, classificados em: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

Segundo Costa Val (1999), esses fatores têm papel fundamental na produção e recepção, contribuindo para a construção do sentido textual e possibilitando que seja reconhecido como emprego normal da língua. Na seção a seguir, veremos apenas os quatros primeiros. A intertextualidade será estudada posteriormente.

Intencionalidade

“A intencionalidade concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa” (COSTA VAL, 2006, p. 10). Por isso, produzimos textos orais e escritos de modo que o leitor/ouvinte possa compreender nossa verdadeira intenção, ou seja, que as palavras alcancem o sentido desejado. Veja o exemplo a seguir:

No cartum, você pode perceber que a intenção do personagem de boné é expor uma informação importante para o seu colega. Porém, se considerarmos a intenção do produtor do cartum, perceberemos que este faz uma crítica ao sistema de ensino, de vez que o outro personagem já havia lido a notícia, mas não tinha entendido.



A intenção é um fator pragmático segundo o qual cabe ao produtor do texto a escolha do gênero que quer produzir. Por isso, ele deixa marcas textuais para que o leitor possa entender a real intenção que tinha quando usou as palavras.

Aceitabilidade

A aceitabilidade é a “expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante”, capaz de levar o leitor a adquirir conhecimento ou a “cooperar com os objetivos do texto” (COSTA VAL, 1999, p. 11). A cooperação é um princípio que rege toda a comunicação humana.

Esse princípio diz que se duas pessoas interagem pela linguagem, uma se esforça para ser compreendida pela outra e procura calcular o sentido do texto para o seu interlocutor. Partindo das pistas deixadas pelo locutor, o interlocutor ativa seus conhecimentos de mundo, do gênero textual, do contexto, para compreender o que o locutor quis dizer.

Mesmo que um texto não se apresente, à primeira vista, coerente ou não possua os elementos de coesão, o interlocutor vai tentar estabelecer a coerência necessária, apresentando uma interpretação que lhe seja cabível. A ação de atribuir ao texto coerência é realizada pelo interlocutor. Vamos tentar ilustrar a aceitabilidade por meio do seguinte poema:

Subi a porta e fechei a escada.

Tirei minhas orações e recitei meus sapatos.

Desliguei a cama e deitei-me na luz.

Autor Anônimo

Os três versos mobilizam alguns conhecimentos prévios para que haja compreensão, isto é, você coopera com o autor do texto para lhe atribuir sentido. Mesmo sabendo que a frase “subi a porta e fechei a escada” está errada, você poderia dizer que o autor está invertendo as palavras para que o leitor decifre como se fosse um código. Assim, a palavra “porta” deveria ser permutada com a palavra “escada”, resultando na seguinte construção: “subi a escada e fechei a porta”. Veja que você cooperou com a produção do texto para lhe dar sentido. Porém, se acrescentarmos os seguintes versos:

Tudo porque

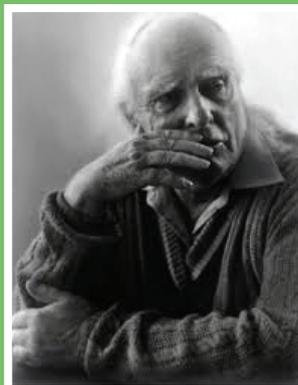
Ele me deu um beijo de boa noite...

Autor Anônimo

Logo, você veria o texto por outro prisma. Você teria uma nova interpretação do texto e, conseqüentemente, outra intenção.

SAIBA MAIS

Herbert Paul Grice (1913 a 1988), cujo trabalho foi grandemente influenciado por ambos os arcos da assim chamada curva linguística da filosofia do século XX. O primeiro arco - a variedade de tentativas de reformulação dos problemas tradicionais da filosofia como problemas de linguagem, incluindo a filosofia da linguagem ordinária, que Grice ajudou a desenvolver. O segundo arco recém desabrochado foi composto pelas tentativas de compreender os fenômenos linguísticos - incluindo a semântica filosófica, um campo que o trabalho de Grice continua a definir.



https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Grice

37

Situacionalidade

Existem certas ocasiões em que um texto pode estar bem construído, ser adequado a uma situação de comunicação e, em outras, está inadequado. Diante dessa afirmação, podemos perguntar: Em um *outdoor*, devem-se utilizar textos longos, com frases complexas? A resposta seria não. Esse gênero textual fica geralmente exposto à beira das estradas e, conseqüentemente, num local em que há tráfego de pessoas que não têm tempo para ler textos longos. Assim, a situação exige que o produtor se detenha a termos e expressões curtas e de fácil compreensão.



Costa Val (2006, p. 12) afirma que a “situacionalidade diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sócio comunicativa”. A relevância se refere aos enunciados que devem tratar de apenas um tema, ou seja, as frases escritas/orais não devem sair do tema ou do foco. A pertinência é a adequação das palavras e frases à situação comunicativa. Veja um exemplo de erro de relevância e pertinência:

Em 13 de junho de 2007, a ministra do Turismo, Marta Suplicy, ao ser entrevistada sobre o que dizer aos turistas diante dos recentes problemas nos aeroportos pronunciou o seguinte enunciado: “Relaxa e goza porque você vai esquecer dos transtornos.”

Logo, a frase foi pronunciada num contexto inadequado, perdendo sua relevância e pertinência.

Esses três fatores mencionados estão interrelacionados e remetem a contextos de interlocução. Eles se desenham a partir do contexto sociocomunicativo, determinando, em grande medida, a constituição textual e a construção de sentidos.

Informatividade

A informatividade diz respeito à quantidade de informações existentes em um texto e se essas informações são esperadas pelo receptor, se são conhecidas, tanto no plano conceitual quanto no formal. Um texto será menos informativo quando as informações forem mais previsíveis e, conseqüentemente, mais informativo quando ocorre o inverso. Por isso, Koch e Travaglia (2009) apresentam graus de previsibilidade da informação contida nos textos.

Para eles, se um texto contiver apenas informação previsível ou redundante, o grau de informatividade será baixo. Por exemplo: Um mais um é igual a dois. Esse enunciado parece óbvio para todo e qualquer leitor, pois as informações são previsíveis. Porém, quando vemos a expressão “Um mais um é igual a dois” na música do Skank, podemos perceber que ela passa para um grau máximo de informatividade.

Um Mais Um *Skank*

Éramos nós
Éramos nós
Um mais um
Éramos mais

Que só dois
Éramos um
Feito de dois
Mais que nós dois
Nunca então sós

(Rodrigo Leão / Samuel F
Multishow Ao Vivo - Skank
disco 2)



O uso da informatividade faz com que o conhecimento comunicacional dos sujeitos, de vez que, numa situação concreta, o interlocutor possa reconstruir o objetivo da produção do texto. Além disso, por um lado, é necessário que você considere que um maior nível informacional implicará numa menor previsibilidade e o texto com menor previsibilidade normalmente traz consigo maior complexidade para a construção de sentidos.

Por outro lado, um menor nível informacional implicará numa maior previsibilidade e o texto com uma menor previsibilidade tende a ser de mais fácil leitura, o que não significa necessariamente leitura mais interessante. Quanto maior for o compartilhamento de informação entre autor e interlocutor, tanto mais previsível tende a ser o texto em seu conteúdo informacional.

Os fatores pragmáticos que vimos até aqui nos permitem perceber que a produção e a recepção de um texto dependem, em especial, de elementos não-textuais. Na próxima seção, você verá que a intertextualidade é um elemento que apresenta marcas textuais, dependendo, todavia, de outros fatores.

Textualidade e intertextualidade

UN 02

Antes de falarmos sobre intertextualidade, observe os trechos que seguem:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine. [...] O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento.

(**Bíblia Sagrada**, I coríntios 13. 1,4)

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal.
Não sente inveja ou se envaidece.

(Renato Russo, Monte Castelo)

Você pode ver que os dois textos acima se assemelham, mesmo sendo gêneros diferentes. O texto da Bíblia Sagrada é anterior ao segundo texto, que faz alusão ao primeiro. Assim, a música de Renato Russo cita o texto da Bíblia. Com muita frequência, você pode encontrar um texto que retoma passagens de outro. Nos textos científicos, as referências a outros autores são feitas através de citações são explícitas, de modo que o leitor sabe que o fragmento pertence a outro autor. Isso é feito por meio das aspas e notas indicativas de onde foi retirado o fragmento.

Nos textos literários, as citações de outros textos são implícitas, ou seja, o poeta, o músico ou romancista não indica o autor e a obra de onde foram retiradas as passagens de seu texto, pois pressupõe que o leitor compartilha com ele o mesmo conjunto de informações a respeito das obras que compõem o universo cultural. Foi o caso da música “Monte Castelo”, de Renato Russo.

Segundo Koch (2009, p. 86), a intertextualidade “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte de uma memória social de uma coletividade”. A autora acrescenta que esse fenômeno é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura, compreendendo as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros que se apresentam de forma implícita ou explícita. Vejamos como se apresentam a intertextualidade explícita e implícita.

Intertextualidade explícita

A intertextualidade explícita ocorre quando há citação da fonte do intertexto, como acontece nos discursos relatados; nas citações e referências presentes nos textos científicos e textos jornalísticos, como as reportagens e as notícias; nos resumos, nas resenhas e nas traduções, textos que são construídos com base em outros e nas retomadas de textos de parceiros para encadear sobre ele ou questioná-lo na conversação.

Na escrita ou na fala de uma pessoa, você pode encontrar os discursos de outras pessoas, ou seja, identifica a presença de outros discursos que estão em circulação no meio social e cultural. Esses discursos são conhecidos como discurso direto, indireto e indireto livre e estão presentes nos textos narrativos.

Para entender melhor o discurso direto, veja o exemplo que segue:



(Texto adaptado de uma tira de Mafalda. O nome da mãe da personagem é fictício.)

Nesse exemplo, o narrador está produzindo o discurso de Marluce e Mafalda. Em ambos os casos, ele reproduz a fala destes personagens por meio de suas próprias palavras. Tudo se passa como se o leitor estivesse ouvindo a conversa dos personagens em contato direto com eles.

Outra característica é o fato de que as falas são sempre introduzidas por verbos *dicendi* como: dizer, perguntar, indagar, exclamar, responder, etc.

No discurso indireto, o narrador usa outro procedimento, ou seja, ele não reproduz literalmente as falas dos personagens: ele se utiliza das próprias palavras para comunicar o que o personagem disse. Veja o quadrinho do exemplo anterior, a seguir:

Esse tipo de discurso se caracteriza pela presença de verbos *dicendi*, mas também pela presença da conjunção integrante.

SAIBA MAIS

Segundo Garcia (1986), "os verbos *dicendi* são os verbos de elocução. A elocução refere-se à maneira pela qual alguém se expressa, quais palavras usa para fazê-lo."

Por exemplo: DIZER (afirmar, declarar); / PERGUNTAR (indagar, interrogar); / RESPONDER (retrucar, replicar); / CONTESTAR (negar, objetar); / CONCORDAR (assentir, anuir); / EXCLAMAR (gritar, bradar); / PEDIR (solicitar, rogar); / EXORTAR (animar, aconselhar); / ORDENAR (mandar, determinar).

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
Verbo no presente do indicativo - Mãe, pra que a gente está no mundo? Perguntou Mafalda	Verbo no pretérito imperfeito do indicativo - Mafalda perguntou a mãe pra que a gente estava no mundo.
Verbo no perfeito do indicativo - Ela não falou sobre a importância da vida.	Verbo no pretérito-mais-que perfeito - A menina disse que ela não falara (ou tinha falado) sobre a importância da vida.
Verbo no futuro do indicativo - Eu falarei sobre a vida	Verbo no futuro do presente - Ele disse que falaria sobre a vida
Verbo no imperativo - Viva da melhor forma possível	Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo - O poeta sugeriu que vivesse da melhor forma possível.

O **discurso indireto livre** é uma mistura dos discursos direto e indireto, de vez que apresenta a fala ou o pensamento da personagem inserida no discurso do narrador. Veja o fragmento abaixo:

Durante as duas décadas que moraram e trabalharam ali, o dia-a-dia do casal era colher

castanhas e fazer a semente render produtos. Com a casca seca, faziam farinha. Os dois preparavam um delicioso suco de cupuaçu e de açaí. Quando passava um caminhão carregando uma tora de madeira, José Cláudio parava o veículo e falava com o motorista para saber o seu destino. E Maria fotografava tudo. (Revista Galileu, junho de 2011, n. 240, p. 9)

Observe no fragmento acima que o autor reproduz as ações e as falas de José Cláudio sem utilizar as estruturas padrões de diálogo. Assim, vemos que o discurso indireto livre se caracteriza por não apresentar as conjunções “que” e “se” e os verbos de elocução do discurso indireto; os tempos verbais, advérbios e pronomes da forma típica do discurso direto são mantidos.

Diferentemente do que acontece com os textos narrativos, os textos acadêmicos e jornalísticos fazem muito uso do recurso de textualidade por meio de citações. Essas podem ser feitas de forma direta e indireta.

A **citação direta** ocorre quando se faz a transcrição textual de parte da obra do autor consultado ou quando insere a voz/fala de outra pessoa no texto em que se escreve.

Veja o exemplo:

As pesquisas mostram que fazer o mal pode não ser uma questão de livre-arbítrio. “Pessoas fizeram atos de crueldade não porque escolheram, mas porque apresentaram uma deficiência no cérebro”, sugere o Ph.D. em psicologia e professor de Cambridge, Simon Baron-Cohen. (Galileu, de junho de 2011, nº 240, p. 65).

Veja que o autor da reportagem destacou a fala do professor com as aspas para deixar claro ao leitor que aquelas palavras não são dele. É possível também fazer uso da citação indireta. Para isso, é preciso ter cuidado para não distorcer as ideias originais do autor. Esse tipo de citação deve ser transcrita no corpo do texto de maneira corrente e sem aspas, mas com a indicação da fonte. Veja o exemplo:

Simon Baron-Cohen, psicólogo e professor de Cambridge, afirmou, na revista Galileu (p. 65), que as pessoas fazem atos de crueldade não porque escolhem, mas porque apresentam uma deficiência no cérebro.

O uso das citações é comumente realizado em trabalhos acadêmicos com o propósito de mostrar erudição por parte de quem escreve ou utilizar a autoridade acadêmica e científica de renomados autores. É natural que estudantes de graduação ou de pós-graduação recorram a autores com titulação acadêmica ou com experiência de pesquisa maior do que eles para corroborar suas ideias, teses e teorias, buscando dar subsídio científico ao texto.

DICA

Excesso de citações pode deixar a impressão de que o trabalho seja mais resultado de uma colagem de diferentes textos do que uma produção intelectual do próprio aluno, assim como a falta delas pode indicar uma pretensão de autossuficiência intelectual por parte do pesquisador iniciante.

Intertextualidade implícita

A intertextualidade implícita ocorre sem a citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor/leitor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, exigindo deste maior conhecimento literário e cultural. Esse tipo de relação intertextual se apresenta por meio das alusões, da paródia, da paráfrase e das ironias presentes nos textos.

Veja um exemplo desse tipo de intertextualidade por meio de **alusão** com a tirinha ao lado:

Se, na leitura do texto, não levarmos em conta que estamos diante uma tirinha baseada no poema “Tinha

uma pedra no caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, não podemos construir o sentido que o autor queria transmitir:

Caulos faz alusão ao poema de Drummond pelas palavras do primeiro e do terceiro balões.



© CARLOS Drummond de Andrade. In: Livro de Letras, L&PM, 1957, p. 49

A relação intertextual por meio de uma **paródia** tem a finalidade de inverter, contestar e deformar alguns dos sentidos do texto citado, isto é, faz-se uma crítica às ideias expressas no texto citado. Vejamos:

BREJINHO DOCE	BEIJINHO DOCE
Que brejinho doce que a gente tem é sapinho é sapão contando pro cês agora então vem.	Que beijinho doce que ela tem Depois que beijei ela Nunca mais amei ninguém
Que brejinho doce Youtube que trouxe de longe pra mim um abraço apertado sorriso dobrado um amor sem fim.	Que beijinho doce Foi ela que trouxe De longe pra mim Se me abraça apertado Suspira dobrado Que amor sem fim.
Como é bom quachar quando agente ama meu lar doce lar é aqui no brejinho no meio da lama.	Coração quem manda Quando a gente ama Se eu estou junto dela Sem dar um beijinho Coração reclama.
Fonte: http://m.youtube.com/match?v=QrKFZ3YcOrg	Nhô Pai

O primeiro texto cita o segundo, optando claramente pelo humor, por uma crítica ao segundo e por considerá-lo muito sentimental. Para isso, o autor inverte, contesta e deforma alguns dos sentidos do texto citado, instaurando-lhe uma visão oposta.

SAIBA MAIS

"Paródia é um tipo de relação intertextual em que um texto cita outro com o objetivo de fazer-lhe uma crítica ou inverter ou distorcer suas ideias." (CEREJA; GUIMARÃES, 2000, p. 76).

Quando um texto cita outro confirmando o sentido, temos a intertextualidade por meio de uma **paráfrase**, recurso intertextual em que o autor formula o mesmo sentido. Em outras palavras, mantém o sentido do texto-fonte com o objetivo de confirmá-lo. As definições matemáticas são exemplos de paráfrase. Quando você lê alguns autores da matemática, pode perceber que eles apresentam a mesma definição para um conceito em palavras diferentes. Veja abaixo um exemplo desse tipo de intertextualidade no conceito de **números amigos**.

- Números amigáveis são dois números onde cada um deles é a soma de seus divisores próprios.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%BAmero_amig%C3%A1vel

Você pode ver nos textos acima que as definições apresentadas na Wikipédia e na charge dizem a mesma coisa com palavras diferentes.

FIQUE ATENTO

A percepção das relações intertextuais depende do repertório do leitor, do seu acervo de conhecimento literário e das manifestações culturais. Daí a importância da leitura. Quanto mais se lê, mais se amplia a competência para compreender o diálogo que os textos travam entre si de forma explícita ou implícita.

EXERCÍCIO PROPOSTO

1. A intertextualidade é um elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos. Ela se classifica em implícita ou explícita. A intertextualidade implícita pode ser conceituada como:

- a) A intertextualidade em que não ocorre a citação da fonte do intertexto e como acontece nas alusões, na paródia, na paráfrase.
- b) A intertextualidade em que ocorre a citação da fonte do intertexto e como acontece nos discursos relatados, no resumo, na resenha.
- c) A intertextualidade em que não ocorre a citação da fonte do intertexto e como acontece nos discursos relatados, no resumo, na resenha.
- d) A intertextualidade em que ocorre a citação da fonte do intertexto.

2. Leia a tirinha abaixo:



Pode-se afirmar que, no texto acima:

- há uma intertextualidade implícita em forma de paródia.
- há uma intertextualidade implícita em forma de paródia e de alusão, respectivamente.
- há uma intertextualidade implícita em forma de alusão.
- há uma intertextualidade explícita em forma de paráfrase.

3. A partir do texto de Koch (2006), leia a ocorrência a seguir e explique a relação intertextual nela presente.



A coesão textual

UN 02

Quando lemos com atenção um texto bem construído, não perdemos as ideias do autor por entre os enunciados que o constituem, nem perdemos a noção do sentido global. É possível percebermos a ligação entre os segmentos: entre um enunciado e outro, entre um parágrafo e outro, etc. Compreendemos ainda que cada parte está interligada entre si e a essa ligação interna entre os enunciados dá-se o nome de coesão. A coesão textual é a “propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática”. (ANTUNES, 2005, p. 47).

Para que um texto seja considerado uma unidade organizadora de sentido, é preciso que as palavras e enunciados mantenham coesão entre suas partes, como um tecido em que os fios estão entrelaçados de forma que não se podem trocar suas partes, sem que se altere o texto todo. Desse modo, é necessário que um escritor leve em conta o contexto linguístico das palavras e toda a sua composição.

No texto oral ou escrito, a coesão possui a função de “criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os segmentos do texto ligados, articulados, encadeados”. (ANTUNES, 2005, p. 47). Um texto se apresenta coeso quando os leitores podem reconhecer que suas partes não estão soltas, ou seja, quando as palavras, frases e parágrafos estão ligados e unidos entre si.

Várias outras palavras têm função de conexão. Neste tópico, você verá essas relações estabelecidas entre elas para produção do sentido. As relações de coesão, segundo Antunes (2005), são três: a **reiteração**, a **associação** e a **conexão**, que passaremos a estudar agora.

Para melhor refletir sobre a definição de coesão textual, leia o texto a seguir:

TODO MUNDO É BOM EM MATEMÁTICA

Já nascemos com um senso numérico. O que atrapalha

é o jeito que as escolas ensinam a disciplina.

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI244289-17774,00-TODO+MUNDO+E+BOM+EM+MATEMATICA.html>

Se for como a maioria das pessoas, será óbvio para você o que significa fazer matemática. Ainda que seja pressionado a dar uma definição precisa, responderá com uma ideia geral do que o tema envolve: números, aritmética, álgebra, equações, geometria, problemas sobre trens que deixam estações, teoremas, etc. Você não terá nenhuma dificuldade em dizer se é bom nisso (a resposta geral é “não” ou, às vezes, “não muito”) ou se gosta ou não do assunto.

Mas essa visão da matemática é extremamente empobrecida e não representa a disciplina em si. Os números constituem apenas parte de um tipo particular de matemática e, na verdade, não é com cálculos aritméticos que a maioria dos matemáticos se ocupa a maior parte do tempo. A matemática natural realizada por seres vivos de outras espécies também não se restringe a números e aritmética. Ela trata de padrões. E é de padrões que a vida é feita.

Os seres humanos nascem (ou adquirem logo depois do nascimento) com o senso de número que lhes permite distinguir 1, 2 e 3 objetos ou sons. Aos 4 meses, são capazes de saber (talvez inconscientemente) que, quando se juntam dois objetos isolados, o resultado é um conjunto de dois objetos; não 1, nem 3. Sabem que quando retiramos um objeto de um conjunto de 2, o que sobra é um objeto, não 2, tampouco nenhum.

O problema não está no fato de as pessoas não conseguirem usar matemática. Na verdade, elas não conseguem usar a matemática escolar, de vez que ela é abstrata. O que a evidência mostra é que se nós quisermos aumentar a probabilidade de aprender a disciplina, precisamos avaliar a forma e o contexto nos quais ela é apresentada. O grau de sucesso de uma pessoa no domínio da matemática escolar dependerá, em grande parte, de quanto significado ela conseguirá atribuir aos símbolos e às operações efetuadas com eles.

O cérebro humano evoluiu como um dispositivo de busca de significado. Nós vemos e buscamos significados em toda parte. Um computador pode ser programado para seguir regras sem ter nenhuma compreensão de seu significado, mas as pessoas não são assim: com esforço considerável, podemos aprender tabuadas e treinar para seguir um pequeno número de procedimentos aritméticos. Mas mesmo assim, o significado é a chave. É duvidoso que até mesmo o cérebro humano seja capaz de efetuar uma operação desprovida de sentido. A matemática de rua trata exatamente da execução de operação com significado ao passo que a matemática escolar trata simplesmente das manipulações formais de símbolos cujos significados, quando existem, não estão representados nos símbolos. Para a maioria das pessoas, R\$ 27,99 significa algo. Mas 27,99, não. É só um número.

Trabalhar com aritmética escolar não envolve procedimentos mais difíceis do que podemos ver em uma criança de 9 anos de idade, precariamente instruída, numa barraca de feira. A única diferença é o grau de significado envolvido. Uma vez que apreendemos o significado, a matemática escolar fica muito mais fácil.

DEVLIN, Keith. Revista Galileu. junho 2011, n. 240, p. 96, 97.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1. As ideias ligadas pela palavra **mas** (no início do segundo parágrafo) são opostas. Quais são essas ideias que se contrapõem? Por quê?

2. Se você substituir a palavra **mas** pelo termo **porque** vai ocorrer mudança do sentido do texto?

Veja:

“Mas essa visão da matemática é extremamente empobrecida e não representa a disciplina em si.”

“Porque essa visão da matemática é extremamente empobrecida e não representa a disciplina em si.”

Que sentido(s) podemos dar ao texto, após essa substituição?

A reiteração

“A *reiteração* é a relação pela qual os elementos do texto vão de algum modo sendo retomados, criando-se um movimento constante de volta aos segmentos prévios, como se um fio o perpassasse do início ao fim” (ANTUNES, 2005, p. 52).

Essa relação ocorre por meio de dois procedimentos: a repetição e a substituição. O primeiro ocorre sempre quando recorremos a um segmento anterior do texto e mantemos algum elemento de sua forma ou conteúdo. Observe também o processo da repetição na construção paralelística. O paralelismo é um recurso muito ligado à coordenação das orações. Algumas vezes, elas apresentam valores sintáticos semelhantes, outras vezes, valores opostos ou estruturas relacionadas a um termo principal.

Neste exemplo, vemos que as orações “as que sabem contar em binário”, no primeiro balão, e “e as que não sabem”, no segundo balão, estão ligadas à expressão “tipos de pessoas”.



O segundo procedimento diz respeito à substituição de um termo por um pronome, advérbio, sinônimo, hiperônimo ou descrição.

“Mas **essa** visão da matemática é extremamente empobrecida...”

“**Ela** trata de padrões”.

O pronome demonstrativo destacado substitui do conteúdo do parágrafo anterior e o pronome pessoal substitui a expressão gramatical “matemática natural”.

SAIBA MAIS

Essa autora afirma que a anáfora e catáfora são substituições gramaticais. Para maior informação desses dois recursos coesivos, pesquise no livro da autora a partir da página 86.

A associação

A associação como elemento de coesão está relacionada à escolha das palavras, conforme a adequação à temática que queremos apresentar. O tema do texto unifica e governa a seleção das palavras. Por isso, a autora diz que “A associação é o tipo de relação que se cria no texto graças à ligação de sentido entre as diversas palavras presentes. Palavras de um mesmo campo semântico ou de campos semânticos afins criam e sinalizam esse tipo de relação” (ANTUNES, 2005, p. 52).

No texto que abre esse tópico, podemos ver que as palavras “números, aritmética, álgebra, equações, geometria, teoremas, cálculos, padrões, conjunto, objeto, regras, operação, problemas” são termos que associamos ao campo dos estudos matemáticos, de vez que são termos específicos da área; já os termos e as expressões como “cérebro humano, pessoas, seres humanos, dificuldade, natural, seres vivos, escolar, disciplina” pertencem aos campos semânticos afins da matemática, de vez que a matemática é ensinada e desenvolvida por pessoas e profissionais.

A conexão

A conexão é o tipo de relação textual que “se efetua por meio de *conjunções, preposições e locuções conjuntivas e preposicionais*, bem como por meio de alguns advérbios e locuções adverbiais”. (op. cit. p. 140). Realiza-se por meio de unidades linguísticas como as *conjunções, as preposições e as locuções*, ou seja, por meio de conectores linguísticos.

FIQUE DE OLHO

De acordo com Platão e Fiorin (1998, p. 280-281), apresentamos as relações que alguns conectivos podem exercer:

- a) Assim, desse modo: têm um valor exemplificativo e complementar. A sequência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar ou ilustrar o que se disse antes;
- b) E: anuncia o desenvolvimento do discurso e não a repetição do que foi dito antes. Indica uma progressão semântica que adiciona, acrescenta algo de novo;
- c) Assim: serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão, ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto qualquer;
- d) Aliás, além do mais, além de tudo, além disso: introduzem um argumento decisivo, apresentado como acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final no argumento contrário;
- e) Isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras: introduzem esclarecimento, retificações ou desenvolvimento do que foi dito anteriormente;
- f) Mas, porém, contudo e outros conectivos adversativos: marcam oposição entre dois enunciados ou dois segmentos do texto. Às vezes, a oposição se faz entre significados implícitos no texto;
- g) Embora, ainda que, mesmo que: são relatores que estabelecem ao mesmo tempo uma relação de contradição e concessão. Servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento. Trata-se de um expediente de argumentação muito vigoroso: sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1. Vimos que a coesão promove a continuidade do texto, fazendo com que cada parte seja interligada de modo que o leitor não perca o sentido de unidade textual. Em um texto, a continuidade ocorre por meio de quais relações?

- a) por meio das relações de *associação e conexão dos elementos textuais*.
- b) por meio das relações de *coesão, coerência e intertextualidade*.
- c) por meio das relações *entre os textos, ou seja, pela intertextualidade*.
- d) por meio das relações de *reiteração, associação e conexão*.

2. A reiteração ocorre pelas retomadas de segmentos prévios do texto ou pela antecipação de segmentos seguintes. No enunciado, “Um computador pode ser programado para seguir regras sem ter nenhuma compreensão de seu significado. Mas as pessoas não são **assim**”. O termo destacado é um recurso de reiteração por meio da substituição ou de repetição? Justifique.

3. A coesão ocorre também pela associação de termos ou palavras do mesmo campo semântico. Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso de recurso de coesão no texto que abre este tópico, “Todo mundo é bom em matemática”.

- a) As palavras: números, aritmética, álgebra, equações e geometria são do mesmo campo semântico, ou seja, antônimas.
- b) As palavras: números, equações, geometria são do mesmo campo semântico, ou seja, sinônimas.
- c) As palavras: pessoas e seres humanos são do mesmo campo semântico e são termos sinônimos.
- d) As palavras: dificuldade, natural, seres vivos, escolar e disciplina são termos antônimos.

4. Leia o fragmento a seguir para responder a pergunta que se pede:

“Todos dizem e confessam que **este é o mais rigoroso preceito da lei evangélica**, e **esta** a mais árdua e dificultosa empresa da religião cristã. Se entre os homens se acham tão poucos **que** amem verdadeiramente a seus amigos, quão dificultosa e repugnante coisa será à natureza humana chegar a amar os próprios inimigos?”

Sermão. Padre Antonio Vieira.

Marque a alternativa correta.

- a) O pronome **este** é um elemento de associação e retoma a expressão “todos dizem e confissão”.
- b) A expressão: “o mais rigoroso preceito da lei evangélica” equivale, dentro do parágrafo, a “amai vossos inimigos”.
- c) O pronome **esta** é um termo que faz ligação sintática entre a oração anterior e a posterior.
- d) O termo que introduz uma oração coordenada de adição.

A coerência textual

UN 02

Talvez você já tenha ouvido alguém fazer (ou tenha feito) comentários como: “este texto não tem coerência”, “este texto não tem pé nem cabeça” ou “este texto é um colcha de retalho”, etc. Algumas pessoas dizem isso quando estão diante de um texto não compreensível. Tais desqualificações mostram que há um sistema implícito de regras internalizadas, disponíveis para todos os membros de uma comunidade linguística, para definir o que é um texto coerente.

Antes de prosseguirmos, leia atentamente os textos que seguem:

Havia um menino muito magro que vendia amendoins numa esquina de uma das avenidas de São Paulo. Ele era tão fraquinho, que mal podia carregar a cesta em que estavam os pacotinhos de amendoim. Um dia, na esquina em que ficava, um motorista, que vinha em alta velocidade, perdeu a direção. O carro capotou e ficou de rodas para o ar. O menino não pensou duas vezes. Correu para o carro e tirou de lá o motorista, que era um homem corpulento. Carregou-o até a calçada, parou um carro e levou o homem para o hospital. Assim, salvou-lhe a vida.

Texto retirado de Platão e Fiorin, p. 261.



O texto acima apresenta coesão em sua construção. Veja que o pronome ele retoma o termo menino; o pronome relativo “que”, na penúltima linha, remete ao termo anterior “motorista”, etc. Porém, quando o lemos atentamente, vemos que há uma incoerência: se o menino era tão fraco que quase não podia carregar a cesta de amendoim, como ele conseguiu carregar um homem corpulento até o carro?

No segundo texto, não há elementos coesivos entre os termos. Ele se organiza pela justaposição de palavras substantivas e pelo uso da linguagem visual. Os símbolos de masculino e feminino contribuem para associarmos aos termos justapostos. Mesmo faltando coesão, o texto pode ser considerado uma unidade de sentido.

Nos dois exemplos, você pôde perceber que o uso da coesão em um texto nem sempre é sinônimo de coerência. Há textos que não são coesos, mas são coerentes. A coerência é, então, o nexos entre os conceitos apresentados no texto, resultante da articulação das ideias e da estruturação lógica de seus elementos.

FIQUE DE OLHO

Há textos que se organizam por justaposição ou por elipse (supressão de termos que podem ser recuperados pelo contexto) que possuem coerência, mas não possuem coesão.

A coerência é resultante da não contradição entre os diversos segmentos textuais que devem estar encadeados logicamente. Cada segmento textual é pressuposto do segmento seguinte, que por sua vez será pressuposto para o(s) que lhe suceder (em), formando uma cadeia concatenada harmonicamente. Quando há quebra nessa concatenação, ou quando um segmento textual está em contradição com um anterior, perde-se a coerência textual.

A coerência é também resultado da adequação do que se diz ao contexto de comunicação, ou seja, àquilo a que o texto faz referência, que precisa ser conhecido pelo receptor.

Nas palavras de Antunes (2005), as regras de coerência regulam a constituição da sequência textual, exigindo também que se tenham em conta os fatores pragmáticos e outros fatores presentes na situação, como a inferência, o conhecimento compartilhado, etc.

SAIBA MAIS

É necessário que você saiba, caro aluno, que os textos dissertativos, narrativos e descritivos possuem particularidades na construção da coerência. Na dissertação, tente evitar a apresentação de argumentos, dados, opiniões, exemplos incoerentes; nas narrações, procure atribuir ações aos personagens que lhes sejam adequadas e, na descrição, apresente as características como se fossem um retrato verbal de pessoas, coisas ou lugares, enfatizando os principais elementos. Se você quer mais informações, acesse: <http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2012/04/coerencia-textual.html>.

Charolles, citado por Antunes (2005), considera que a coerência textual deve ser vista como unidade micro e macroestrutural. Na primeira, a relação é estabelecida entre as palavras em contexto próximo ou entre as frases subsequentes; na segunda, as relações são estabelecidas entre as unidades maiores do texto de forma a lhe conferir unidade de sentido. Pensado assim, esse autor afirma que há quatro metarregras de coerência: da repetição, da progressão, da não-contradição e da relação. Passaremos a expô-las.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

Leiamos o texto a seguir:

CONTO ERÓTICO Nº1

Luiz Fernando Veríssimo

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> - Assim? - É. Assim. - Mais depressa? - Não. Assim está bem. Um pouco mais para... - Assim? - Não, espere. - Você disse que... - Para o lado. Para o lado! - Querido... - Estava bem, mas você... - Eu sei. Vamos recomeçar. Diga quando estiver bem. - Estava perfeito e você... - Desculpe. - Você se descontrolou e perdeu o... - Eu já pedi desculpa! - Está bem. Vamos tentar outra vez. Agora. - Assim? | <ul style="list-style-type: none"> - Quase. Está quase! - Me diga como você quer. Oh, querido... - Um pouco mais para baixo. - Sim. - Agora para o lado. Rápido! - Amor, eu... - Para cima! Um pouquinho... - Assim? - Aí! Aí! - Está bom? - Sim. Oh, sim. Oh yes, sim. - Pronto. - Não. Continue. - Puxa, mas você... - Olhaí. Agora você... - Deixa ver... - Não, não. Mais para cima. - Aqui? - Mais. Agora para o lado. - Assim? - Para a esquerda. O lado esquerdo! - Aqui? - Isso! Agora coça. |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

O texto acima pode ser visto em dois contextos situacionais diferentes. Cada um desses contextos leva a determinada produção de sentido.

1. Em quase toda a leitura do texto, somos orientados à construção de determinado cenário comunicativo no qual dois personagens vivem uma situação. Qual é ela?
2. No fim do texto, emerge o cenário comunicativo distinto, levando o leitor a outra interpretação. Em que momento do texto isso ocorre? Qual era a real situação vivenciada pelos personagens?
3. Que efeito de sentido essa mudança de cenário produz no leitor?

Ametarregrada repetição diz que “Para que um texto seja (microestruturalmente e macroestruturalmente) coerente, é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita recorrência”. (ANTUNES, 2005, p. 182). Se a coesão apresenta o retorno a termos anteriores, a coerência deve-se retomar conceitos e ideias ditas anteriormente. Isso quer dizer que a regra de repetição implica em uma relação semântica linear, cujos componentes internos ao texto trabalham numa espécie de ida e volta a ideias, costurando-se umas às outras continuamente.

Ainda em relação a essa metarregra, Charolles mostra o caso de ambiguidade referencial como um problema que pode ser causado também pela intromissão na recuperação dos termos do enunciado. Veja o exemplo abaixo.

Jorge estava conversando com o amigo, enquanto ele brincava no computador, porém não o sabia que era o momento certo para falar disso.

Nesse enunciado, podemos perceber que os termos destacados se referem a João ou ao amigo. Este problema semântico é comparável ao emprego de elementos anafóricos e catafóricos que podem criar, no texto, ambiguidades na interpretação. A ambiguidade é um defeito na organização da estrutura textual; logo, a continuidade do sentido fica comprometida.

O texto Conto Erótico nº 1 apresenta repetição das ações dos personagens, ou seja, remete a elementos da situação de comunicação. Ele é construído sobre a base de ambiguidades nos atos dos sujeitos que produzem de modo que os leitores imaginam o contexto de produção.

Para avaliarmos a continuidade (ou repetição) de um texto, no plano estrutural, verificamos se há elementos que percorrem todo o seu desenvolvimento conferindo-lhe unidade; no plano linguístico, se esses elementos são retomados convenientemente pelos recursos adequados (COSTA VAL, 2006).

A metarregra da progressão constitui uma complementação da anterior. Se todo texto deve ser construído de forma que haja uma continuidade temática, então, no desenvolver do tema, ele também deve somar ideias novas às que já vinham sendo tratadas, ou seja, os elementos semânticos devem ser constantemente renovados. Costa Val (2006, p. 23) diz que o “texto deve retomar seus elementos conceituais e formais, mas não pode se limitar a essa repetição. É preciso que apresente novas informações a propósito dos elementos retomados”.

A diferença entre o dado e o novo, na produção textual, é fundamental para a construção de textos coerentes. O dado coincide com o tópico que é retomado anaforicamente, aparece no início de frases ou parágrafos. A informação nova coincide com os comentários e, geralmente, figura no final das frases.

Hey mãe, eu tenho uma guitarra elétrica

Durante muito tempo isso foi tudo que eu queria ter

Mas, *hey* mãe, alguma coisa ficou pra trás

Antigamente eu sabia exatamente o que fazer

Hey mãe, tem uns amigos tocando comigo

Eles são legais, além do mais, não querem nem saber

Que agora, lá fora, o mundo todo é uma ilha

A milhas e milhas de qualquer lugar

Terra de Gigantes. Engenheiros do Hawaí

No fragmento da música dos Engenheiros do Hawaí, as expressões destacadas introduzem informações novas: o pronome demonstrativo “isso” retoma a “guitarra elétrica”, acrescentando-lhe a informação de que, antes, era tudo o que queria possuir; e a expressão “além do mais” introduz um argumento decisivo, apresentado como acréscimo ao que é dado anteriormente exposto.

EXERCÍCIO PROPOSTO

Antes de tratarmos sobre a metarregra da não-contradição, leia o texto a seguir.



Fonte: <http://noticias.uol.com.br/uolnews/monkey>

1. Esse cartum apresenta uma oposição entre duas épocas distintas: antiguidade e modernidade. Identifique nesse texto os elementos que sugerem essas épocas:

a) Antiguidade

b) Modernidade

2. O humor do cartum é construído a partir de uma contradição. Qual é essa contradição?

Como você viu, o texto acima foi construído a partir de ideias em oposição. Esse cartum chega a ser incoerente em relação à realidade vivenciada, explorando a contradição entre épocas distintas que resulta no humor pretendido pelo cartunista.

Guimarães e Cereja (2000) afirmam que as contradições de um texto verbal podem se dar de duas formas: a interna e externa ao próprio texto. A primeira ocorre entre os enunciados do que se afirma antes e o que se afirma depois na sequência textual. A segunda ocorre quando o que se afirma no texto não corresponde à realidade. As ideias textualmente apresentadas têm que ser compatíveis com o mundo que o texto representa. Assim, na metarregra da não-contradição, segundo Antunes (2005), é preciso que no desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto anteriormente.

Para que um texto seja coerente, é fundamental que haja articulação entre fatos e conceitos nele apresentados de modo que estejam encadeados, que tenham relações entre si. O leitor/ouvinte precisa compreendê-los como elementos convergentes em favor do ponto de vista defendido pelo escrito/falante.

3. Há textos que apresentam coerência, mas não possuem coesão. O texto a seguir é um exemplo disso. Qual (ais) metarregra(s) de coerência o texto abaixo não possui.

O Show

O Cartaz

O Desejo

O Dia

A Preparação

A Ida

A Música

A Vibração

A Participação

O Pai

O Dinheiro

O Ingresso

O Estádio

A Multidão

A Expectativa

O Fim

A Volta

O Vazio

(Millor Fernandes)

4. As regras de coerência exigem o uso de elementos linguísticos e pragmáticos. Levando em consideração o contexto em que o texto I foi produzido, pode-se dizer que:

a) A oração: “nos manda Cristo amar aos inimigos, e em outro nos manda aborrecer os amigos” está incoerente, pois transgride a metarregra da progressão;

b) A oração: “O amor tem por objeto o bem, para o abraçar; o ódio tem por objeto o mal, para o fugir” está coerente, pois está de acordo com a metarregra da contradição;

c) As alternativas “A” e “B” estão corretas;

d) As alternativas “A” e “B” estão incorretas.

Os textos são coerentes, para nós, quando construímos sentido a partir deles. Muitas vezes, um texto apresenta-se incoerente para um interlocutor, mas não para outro. Quando isso ocorre, é devido à diferença entre os conhecimentos prévios de cada um dos leitores ou ouvinte.

Se um texto se revela coerente para um leitor, o mais provável é que tal leitor compartilhe conhecimentos com o autor de modo mais efetivo do que o faz o interlocutor para o qual o texto afigura-se incoerente.

Então, podemos dizer que o leitor proficiente é aquele que, a partir dos elementos presentes no texto, consegue ativar seus conhecimentos prévios e construir sentidos. Já o produtor proficiente de texto é aquele que, ao construir o texto, considera o leitor em potencial e os conhecimentos que esse leitor detém, preocupando-se ainda em registrar as informações necessárias para que o leitor possa proceder à construção de sentidos.

Esse processo implica em clareza, objetividade, concisão e observação do critério da relevância das informações para a situação comunicativa da qual o texto faz parte.

Tópicos de escrita

UN 02

Neste tópico, trabalharemos a construção do parágrafo. Para muitos iniciantes na escrita, o desenvolvimento de um texto está preso ao início e ao fim do parágrafo. Os parágrafos são subunidades dos textos e são compostos por uma ou mais frases, organizados em torno de uma ideia núcleo e uma ideia secundária. Quando devidamente coerentes e coesos, eles garantem a continuidade e a progressão textual.

Essa definição nem sempre é confirmada pela prática, pois pode haver diferentes tipos de estruturação de parágrafos; tudo depende, é claro, da natureza do assunto e sua complexidade, do gênero de composição, do propósito, das idiossincrasias e competência do autor. Antes de iniciarmos o debate sobre a prática de escrita, reproduzimos um texto, retirado de Cereja e Guimarães (2000, p. 287), que apresenta problemas de diferentes tipos: paragrafação, pontuação, regência, entre outros. Leia-o, observando as marcas de continuidade e progressão das ideias.

O CASAMENTO PERFEITO

Progredir e preservar o que é isso?

Para muitos, são apenas duas milhares de palavras, que constam do vocabulário português.

Enganam-se, porém, pois muito mais do que duas meras e simples palavras são fundamentais para a sobrevivência do ser humano.

Fundamentais por quê? Muitos se perguntam.

Porque apenas a preservação do meio ambiente, sem o progresso não adiantaria nada, pois se isso tivesse acontecido, viveríamos ainda como “Adão e Eva”. Ao mesmo tempo, o progresso desenfreado sem a companhia da preservação do meio ambiente seria outro fator negativo, pois com o tempo todos nós acabaríamos morrendo com a poluição que se formaria com o passar do tempo.

Para progredirmos, é necessário vivermos.

Pensando apenas na vida da natureza, muitos ecologistas se esquecem de que é preciso haver o progresso para haver a vida humana. Do mesmo modo, muito empresários, pensando apenas no progresso, se esquecem de que é preciso haver a vida humana para haver o progresso. Agora, muitos ecologistas e empresários realizariam um casamento perfeito e os frutos desse casamento seriam um mundo progredido e preservado.

(Autor: aluno do 3º ano do Ensino Médio)

EXERCÍCIO PROPOSTO

1. O texto apresenta problemas de estruturação de parágrafos. Releia-o, observando suas unidades de sentido, e indique outra forma de reestruturá-lo.
2. Identifique as marcas de coesão (ou continuidade) no texto.
3. O texto apresenta sérios problemas de progressão textual, visto que trata de um único argumento.
 - a) Qual é o argumento apresentado pelo texto?
 - b) Que outros argumentos o autor poderia ter utilizado para desenvolver o tema?

Você pode observar nessa atividade que não há critério previamente definido para enquadrar a extensão do parágrafo. Porém, não podemos fazê-lo de qualquer maneira. Há parágrafos de uma ou duas linhas, bem como parágrafos de uma página inteira. Não é o senso de proporção que deve servir de critério para enquadrá-lo, mas a ideia central. Se a composição textual é constituída por um conjunto de ideias associadas, espera-se que cada parágrafo corresponda a uma ideia. Então é da divisão do assunto que depende a extensão do parágrafo, admitindo-se que as ideias mais complexas se possam desdobrar em mais de um parágrafo.

Os parágrafos mais comuns são organizados pelas técnicas de declaração inicial, interrogação, definição, oposição e comparação, divisão, citação, exemplificação, ilustração e alusão histórica.

SAIBA MAIS

Não abordaremos essas técnicas, mas pedimos que você consulte este *site* para mais informações e desenvolvimento do texto argumentativo:

<http://jporfiro.wordpress.com/2007/04/19/a-construcao-do-texto-pelo-paragrafo-lima-silva/>.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1. Leia os seguintes trechos que tratam do ensino da matemática no Brasil. Dê continuidade aos textos, desenvolvendo parágrafos de acordo com a técnica (acesse o *link* do Saiba Mais) indicada entre parênteses.

Por que 89% dos estudantes chegam ao final do Ensino Médio sem aprender o esperado em matemática?

Aulas pouco dinâmicas + alunos pouco motivados + professores com formação deficiente = resultados pífios do ensino de matemática no Brasil. Os responsáveis por esse resultado são o Governo, a gestão escolar e os professores (**técnica da divisão**).

O ensino da matemática no Brasil

A pesquisa em matemática no Brasil é reconhecida internacionalmente por sua qualidade acadêmica. Mas, contraditoriamente, o ensino matemático nas escolas públicas deixa muito a desejar (**técnica da oposição e da comparação**).

III

GÊNEROS: LEITURA E PRODUÇÃO

Nesta unidade, você estudará a leitura e a produção de gêneros acadêmicos. A leitura de um texto não se faz apenas pelo processo de decodificação das letras. Ela envolve conhecimento adquirido nas práticas sociais de comunicação e, além disso, possibilita a recriação de outros discursos, tornando-se o leitor um coautor do texto que lê. Porém, devemos saber que nível de leitura utilizar para cada ocasião: quando queremos formar intelectualmente, temos que atentar para uma leitura mais cuidadosa; quando lemos para distração, apenas “saboreamos” as palavras do texto e quando queremos colher informações necessárias a um estudo aprofundamos o conhecimento de um tema.

Por outro lado, a produção textual é uma atividade dialógica associada à construção dos gêneros nos domínios discursivos. Você não pode deixar passar despercebida a utilização do discurso acadêmico e gêneros aceitos para uso num determinado discurso, pois eles constituem a possibilidade de trabalho por meio do uso da linguagem nas diversas situações sociocomunicativas. Trataremos apenas os principais gêneros da modalidade escrita: o artigo científico, a resenha, o resumo e o fichamento de textos. Compreenda que os conceitos, as finalidades e as características básicas desses gêneros auxiliarão no entendimento e recepção dos conhecimentos expressos sobre o tema de pesquisa que você queira fazer.

Outro ponto importante na produção textual é a utilização do processo de retextualização. Esse processo trata-se, na verdade, de uma ‘tradução’ de textos orais ou escritos da mesma língua, porém de uma modalidade para outra. Na academia, além de sabermos fazer leituras e anotar informações consistentes e de compreender e produzir gêneros acadêmicos em situações adequadas, é necessário sabermos registrar as fontes que consultamos. Por isso, no final, teremos práticas de escrita de referências bibliográfica, conforme as normas da ABNT.

Veja os principais objetivos desta unidade:

- Construir um espaço de formação consciente e crítica do sujeito na interação social;
- Reconhecer a distinção entre os gêneros textuais e os tipos textuais nas diversas situações sociocomunicativas;
- Identificar os principais gêneros acadêmicos e distingui-los quanto à finalidade sociocomunicativa, estrutura composicional e aspectos textuais;
- Desenvolver habilidade de retextualização de gêneros escritos;
- Construir referências bibliográficas conforme as normas da ABNT.

A importância do ato de ler e níveis de leitura

UN 03

O ato de ler não é privilégio das pessoas letradas. A leitura é mais do que um processo de decodificação das letras sobre o papel: ela envolve a construção do próprio indivíduo. Por isso, veremos a importância dela para a compreensão das relações sociais e os níveis de leitura que devemos aplicar para obter informação na pesquisa científica.

A importância do ato de ler

Você já pensou que, mesmo antes de frequentar a escola, realizamos leituras de mundo e de textos?

A leitura é um processo do qual dispomos para interagir com o outro, para adquirir informações sobre os fatos e fenômenos sociais e culturais e desenvolver a capacidade de reflexão sobre a realidade. Esses pontos mostram o quanto é importante adquirirmos a habilidade leitora dos fenômenos linguísticos e sociais. Paulo Freire (2003, p. 11), em “A importância do ato de ler”, assim se expressa: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”. Antes de iniciarmos a leitura de textos escritos, fazemos a interpretação das ações das pessoas, das relações com os outros, do convívio social.

Lembre-se de quando criança, quando brincava com seus colegas, quando seu mundo estava repleto de coisas significativas as quais você assimilava com naturalidade. Porém, quando chegou entre os seis ou sete anos e começou a fazer leituras de textos escritos, que abrem para a construção de um pensamento crítico e reflexivo, um mundo além do palpável, parece que se esqueceu da maneira simples e singular de compreender as coisas, pensando, muitas vezes, que a leitura se confunde com a decifração dos símbolos escritos. A leitura dos textos não é a decodificação pura das palavras escritas; ela se faz de forma natural, como fazemos por meio da incorporação dos conhecimentos que vêm pelas experiências com o mundo.

Antes de continuarmos, faça uma reflexão e observe o texto com atenção.

EXERCÍCIO PROPOSTO

1. Leia a fábula de Monteiro Lobato e responda às questões que seguem.

O GALO QUE LOGROU A RAPOSA

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: “Deixa estar, seu malandro, que já te curo!...” E em voz alta:

- Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinha, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados. Desça desses poleiros e venha receber o meu abraço de paz e amor.

- Muito bem! – exclamou o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que eles também tomem parte da confraternização.

Ao ouvir falar em cachorros, Dona Raposa não quis saber de histórias e tratou de pôr-se a fresco, dizendo:

- Infelizmente, amigos Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. - Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E rapou-se.

Contra esperteza, - esperteza e meia.

Fonte: <http://ale5ano.blogspot.com.br/2009/09/o-galo-que-logrou-raposa-um-velho-galo.html>.

57

1. De acordo com o texto anterior, responda:

- De que trata a história?
- Quem são os personagens do texto?

2. Na fábula, em geral, algumas atitudes próprias dos seres humanos são atribuídas aos animais. Qual a intenção do autor ao fazer esse uso?

3. Considerando os animais do texto e as relações de poder no meio social, que sentidos você pode atribuir à presença deles nessa fábula?

DICA

Lembre-se de que a leitura de um texto é sempre uma atividade que o leitor estabelece na relação dialógica (interacional) com o autor e que se realiza em situações enunciativas concretas, possibilitando a construção dos sentidos. Quando há interação do produtor com o leitor por meio do texto, o ato de ler não é confundido com a decodificação do que está escrito.

A leitura como decifração do código consiste apenas no conhecimento básico na habilidade de memorizar os símbolos gráficos. O ato de ler inclui nosso relacionamento com a realidade e a forma como pensamos essa realidade e nos relacionamos com ela. Assim, aprender a ler o mundo significa conhecer os valores e ideias difundidas no meio social; significa pensar sobre eles de modo que se construa uma posição crítica sobre a cultura.

Disso resulta que a atividade da leitura constrói no leitor os laços possíveis que o integram ao mundo do belo e do contraditório; das verdades e das mentiras, das previsões e das imprevisões. Pela leitura, adentramos em um mundo de infinitas realidades e assumimos papéis, travamos diálogos, concordamos, nos opomos, apreciamos valores e nos posicionamos criticamente diante do conteúdo dos textos.

Essa atividade ganha sentido, no entanto, quando é exercida, autonomamente, nas diversas esferas da comunicação social, como: na escola, em casa, no ônibus, no cinema, na universidade, entre outros.

FIQUE ATENTO

Domínios discursivos, esfera social e domínios da vida são termos sinônimos. Você verá mais informações na página 62, quando tratarmos da diferença entre gênero e tipo textuais.

Leia o cartum:

No texto, a professora pergunta aos alunos o que mudou na grafia das palavras que estavam escritas na lousa, um dos alunos respondeu que não houve mudança alguma no ensino público. Ele fez a interpretação do enunciado com base na realidade vivenciada por ele, ou seja, analisou a realidade social, a situação do ensino nas escolas públicas. Veja que a leitura não está desvinculada do mundo conhecido pelo leitor e que, muitas vezes, associamos as informações que fazem parte da bagagem cultural que temos.



SAIBA MAIS

A relação entre leitura, escrita e Matemática

A leitura está presente em todos os momentos de nossa vida, assim como a Matemática. Para se realizar os cálculos matemáticos, devemos fazer a leitura adequada de seus símbolos, precisamos compreender o que cada exercício nos propõe. Podemos ser bons professores, conhecedores dos conteúdos de matemática; no entanto, devemos ser bem instruídos para ensinar aos nossos alunos a leitura adequada de cada questão, pois precisa haver relações, comparações, exemplificações, diálogo sobre o conteúdo em estudo.

Fonte: http://cefaprocaceres.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=466&Itemid=76.

Os níveis de leitura

UN 03

De acordo com Cervo, Behvian e Silva (2007), há três tipos de leitura: leitura formativa, leitura de distração e leitura informativa. A primeira, quando queremos formar intelectualmente; a segunda, quando lemos apenas por distração e a terceira quando queremos colher informações necessárias a um estudo. A terceira é feita com vistas à coleta de informações ou dados que serão utilizados posteriormente. Este tipo de leitura passa por níveis de leitura fundamentais: pré-leitura, leitura seletiva, leitura crítica e leitura interpretativa, que trataremos aqui segundo os autores acima citados.

a) A **pré-leitura** é feita quando procuramos identificar as informações e obter uma visão global do conteúdo. Essa leitura permite ao estudante selecionar as referências bibliográficas que farão parte do estudo e contribui para análise geral do assunto.

Fazemos esse tipo de leitura quando lemos o sumário de um livro, o prefácio, as notas de rodapé ou a resenha do texto.



b) A **leitura seletiva** é feita quando escolhemos dentre as informações do texto as que são mais necessárias ao propósito de nosso trabalho. Antes da escolha, o leitor deve lançar critérios de seleção conforme o problema formulado, os objetivos intrínsecos ao trabalho de pesquisa e as perguntas elaboradas na construção do anteprojeto.

Para saber mais sobre anteprojeto de pesquisa, leia o texto de Santos (2007) que se encontra nas referências bibliográficas.

c) Na **leitura crítica** ou **reflexiva**, o pesquisador aprofunda seus conhecimentos sobre o assunto, observando as particularidades do tema. É uma fase de estudo e reflexão deliberada e consciente no processo de aprendizagem sobre a temática. Isso se “manifesta por meio das operações de análise, comparação, diferenciação, síntese e julgamento (processo de apreensão); apropriação dos dados referentes ao assunto ou ao problema (processo de assimilação)” (id., p. 85).

d) A **leitura interpretativa** implica em três julgamentos: partindo das intenções do autor e do tema abordado no texto, o pesquisador elabora uma síntese das informações apresentadas, contendo o problema, as hipóteses, provas e conclusões do autor; depois, o pesquisador relaciona o que o autor afirma e os problemas para os quais está procurando uma solução; por último, a informação coletada “é julgada em função do critério verdade” (id., ibid.).

59

Gêneros textuais e tipos textuais

UN 03

Na unidade I, estudamos sobre a linguagem e os gêneros textuais (ou discursivos). Na ocasião, vimos que a linguagem é uma prática social e como tal se constitui como parte da sociedade; por meio dela, incorporamos processos sociais. Vimos também que os gêneros textuais são “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Neste tópico, veremos a constituição dos gêneros textuais e sua relação com as práticas sociais acadêmicas. Para tanto, apresentaremos os conceitos de domínio discursivo, gêneros textuais e tipos textuais.

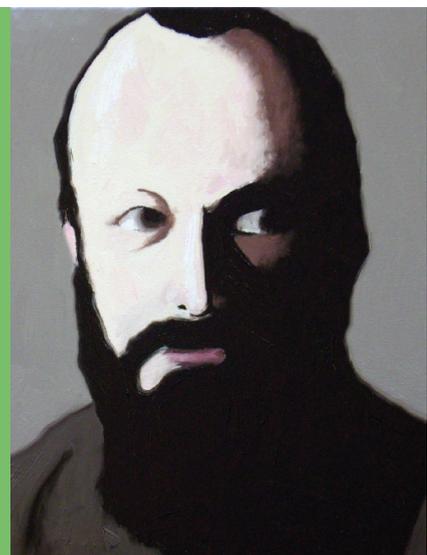
Durante sua formação de ensino superior, espera-se que você, estudante universitário, seja capaz de discutir e aplicar conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso e expor suas ideias sobre determinado tema, de forma clara e convincente. Para tal, você deve utilizar o discurso acadêmico e os gêneros aceitos para uso dentro desse discurso. Na modalidade escrita, há o artigo científico, a resenha, o relatório, o resumo, etc. Na modalidade oral, há conferências, seção coordenada, palestras, mesa-redonda, etc.

Assim, o **domínio discursivo**, para Marcushi (2010), é uma esfera da comunicação ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Do ponto de vista dos domínios, podemos falar em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas englobam um conjunto deles. Por exemplo: a petição inicial, o acórdão, a sentença e o parecer são gêneros textuais da atividade jurídica. Logo, fazem parte do discurso jurídico (domínio jurídico). A reportagem, a notícia, o editorial, o artigo de opinião fazem parte da atividade jornalística e, conseqüentemente, do discurso jornalístico. Podemos então dizer que os domínios constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de **gêneros textuais** que fazem parte da instituição.

SAIBA MAIS

Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. Bakhtin foi um verdadeiro pesquisador da linguagem humana. Seus escritos inspiraram trabalhos de estudiosos em um grande número de diferentes tradições (o marxismo, a semiótica, estruturalismo, a crítica religiosa) e em disciplinas tão diversas como a crítica literária, História, Filosofia, Antropologia e Psicologia. É autor de diversas obras sobre questões teóricas gerais, o estilo e a teoria de gêneros do discurso. Ele é o líder intelectual de estudos científicos e filosóficos desenvolvidos por um grupo de estudiosos russos que ficou conhecido como o “Círculo de Bakhtin”.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Bakhtin.



Fonte: pt.wikipedia.org

Vistos como parte integrante de uma esfera da comunicação, os gêneros textuais são os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica, como vimos na unidade I.

Os **tipos textuais** designam uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição, aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas (id., ibid.).

Vejamos a distinção feita por esse autor entre os gêneros e os tipos textuais.

Tipos textuais	Gêneros textuais
Construções teóricas definidas por propriedades linguísticas intrínsecas;	Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;	Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, etc.

Em geral, as pessoas utilizam a expressão “tipo de texto” para se referir a um gênero textual. Quando alguém diz, por exemplo, “um bilhete é um tipo de texto informal”, ele não está empregando o termo “tipo de texto” de maneira correta e deveria evitar essa forma de falar. Um bilhete que você escreve para sua mãe é um gênero textual, assim como um editorial, uma receita médica, uma bula de remédio, um poema, uma piada, uma conversa casual, um artigo científico, um resumo acadêmico, um prefácio de um livro. Não devemos confundir tipo textual com gênero.

Veja de forma mais clara essa distinção no bilhete a seguir.

Gênero textual: bilhete	Tipo textual
Mãe!	Injuntiva
Inicia no próximo mês, em Recife, a 65ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).	Descritiva
Sei que você adora esses eventos científicos.	Argumentativo
Durante os cinco dias, serão desenvolvidas mais de 260 atividades, entre mesas-redondas, conferências, sessões especiais e minicursos.	Descritivo
Minha colega disse que esse evento é sempre muito proveitoso, pois aprendemos novos conhecimentos na nossa área e interagimos com pesquisadores de outras instituições. A organizadora do evento disse, em entrevista coletiva, ontem, que haverá os melhores pesquisadores, de cada um dos temas discutidos durante a Reunião.	Narrativa
Abraço!	Injuntivo

Veremos no próximo tópico os principais gêneros textuais escritos do discurso científico ou do domínio acadêmico. Na sua vida acadêmica, você precisará do conhecimento desses gêneros em várias situações, como nas avaliações de disciplinas, nos eventos dos quais queira participar, em trabalho de conclusão de curso, etc.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1. Leia o texto a seguir e escreva o tipo textual predominante nas partes destacadas.

Fragmento 1

Na virada do milênio, as organizações despertam para uma nova realidade. Uma drástica mudança de paradigmas que afeta qualquer estratégia de ação. Os anos 1990 foram marcados pela globalização de mercados e constantes transformações de ordem social, política e econômica. Em uma perspectiva mais geral, o papel estratégico da gestão de processos, nesse contexto, dirigidos à inovação e à melhoria constante da qualidade de serviços essenciais emergiram em diversas áreas, entre elas a área educacional.

Fragmento 2

Há uns meses, avalei um artigo internacional e, como sempre faço, realizei uma busca na *Web* para encontrar as demais publicações do autor. Hoje existe uma enorme pressão para avaliar os pesquisadores por suas publicações e, muitas vezes, pela quantidade delas. Por isto, um revisor responsável precisa verificar o grau de originalidade de um artigo antes de emitir parecer conclusivo. Fiquei impressionado pela quantidade de publicações encontradas daquele autor nos últimos dois ou três anos (José Palazzo M. de Oliveira).

Gêneros acadêmicos

UN 03

Neste tópico, vamos aprofundar um pouco mais a discussão sobre a prática do uso dos gêneros acadêmicos, destacando-os como instrumentos de comunicação nas práticas científicas. Os gêneros tratados remetem apenas a textos escritos como: resumo acadêmico, resenha, fichamento de textos e artigo científico.

Resumo acadêmico

Certamente, na sua trajetória escolar, você já foi solicitado pelo professor a produzir um resumo. Você também deve ter concluído que resumir é construir um texto condensado em que se reúnem e apresentam as informações básicas de um texto maior. É uma forma de transformar um texto em outro de menor proporção.

Enganamo-nos quando pensamos que resumir é fazer uma reprodução dos tópicos, frases ao seu resumo. Partes de parágrafos de um texto original. Isso se adequa mais à colagem de fragmentos do que resumir-lo: resumir é apresentar com as próprias palavras os pontos relevantes de um texto.

Porém, para elaborar um bom resumo, segundo Platão e Fiorin (1998), é necessário compreender o sentido global do texto. Isso só ocorre de maneira satisfatória, segundo esses autores, se você levar em consideração que devemos:

- a) Ler uma vez o texto do início ao fim sem interrupções, com o intuito de ter a noção do conjunto, do todo;
- b) Fazer uma segunda leitura com interrupções, com o lápis na mão para fazer anotação e destaque no texto, tendo sempre a preocupação de compreendê-lo muito bem;
- c) Tentar fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham unidade de significação.
- d) Dar redação final com suas palavras, procurando condensar os segmentos e encadeá-los na progressão textual e estabelecer relações entre eles.

Esses passos são necessários na produção de qualquer resumo.

Todavia, vamos trabalhar com o resumo acadêmico, que exige de você maior capacidade de síntese e adequação às condições de uso. Esse gênero apresenta finalidades específicas e estrutura composicional própria e é diferente das formas apresentadas nas escolas. Ele será solicitado quando você quiser apresentar algum trabalho em congresso, seminário ou conferência. A aceitação do seu trabalho dependerá da qualidade do seu resumo. Faça-o de forma clara, obedecendo às normas de formação

estabelecida pelos organizadores, pois isso conta na avaliação do trabalho.

Outra situação de uso em que você deve fazê-lo é a construção de textos longos, como: artigos científicos, monografia, dissertação, teses. Nesses casos, o resumo “é um texto breve que encapsula a essência do artigo que se seguirá” (MOTTA-ROTH e HENDGES, 2010, p. 152), orientando o leitor sobre a pesquisa feita e as conclusões a que se chegou. Nesse caso, o leitor não precisará ler o texto por completo para saber se a pesquisa apresentada lhe é necessária no estudo que está fazendo, funcionando também como fonte de informação precisa e completa que ajuda os pesquisadores a ter acesso rápido e eficiente às publicações científicas (id., *ibid.*).

SAIBA MAIS

Faça uma pesquisa em *site* de busca sobre a NBR 6028, que estabelece os requisitos para redação e apresentação de resumos, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

De acordo com a NBR 6028, há três tipos de resumos: o resumo crítico, o resumo indicativo e o resumo informativo, que apresentaremos a seguir.

a) **RESUMO CRÍTICO:** geralmente é redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. No resumo, não deve haver juízo valorativo ou crítico, pois essa característica é própria do gênero textual resenha crítica, que você estudará no próximo tópico.

b) **RESUMO INDICATIVO:** esse tipo de resumo expõe apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos, etc. De modo geral, não dispensa a consulta ao texto original; caracteriza-se como uma narrativa descritiva de um texto.

c) **RESUMO INFORMATIVO:** informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que esse possa, inclusive, dispensar a consulta ao original.

Este tipo de resumo é bastante conhecido no meio acadêmico e é muito utilizado em trabalhos como estratégia para informar de antemão o conteúdo de seu trabalho, objetivos, resultados e conclusões. O autor desse resumo geralmente apresenta as ideias mais significativas, condensando o trabalho de tal forma que poderá até dispensar a leitura do texto original.

DICAS

Devem-se evitar:

- a) Símbolos e contrações que não sejam de uso corrente;
- b) Fórmulas, equações, diagramas, etc., que não sejam absolutamente necessários; quando seu emprego for imprescindível, deve-se defini-los na primeira vez em que aparecerem;
- c) Este último tipo de resumo possui estrutura composicional que segue a ordem das informações dadas pelos diferentes momentos da pesquisa. Segundo Motta-Roth e Hendges (2010, p. 154), o resumo acadêmico se divide em cinco partes:
 - 1) Definição do problema – Incluindo a intenção do autor, a tese, alguma alusão ao título;
 - 2) Estabelecimento do objetivo – Justifica e apresenta o objetivo da pesquisa;
 - 3) Descrição do método – Define a abrangência, o tratamento, os dados, a metodologia adotada e as restrições envolvidas;
 - 4) Apresentação dos resultados – sumariza os resultados e engloba a maior porção do resumo;
 - 5) Indicação da conclusão – Implicações, inferências, importância e interpretação dos resultados.

Veja um exemplo de como essas partes aparecem na estrutura do resumo:

Este estudo aborda a enunciação em texto jornalístico, com o objetivo de apresentar algumas reflexões sobre as implicações dos efeitos de sentido no discurso, ocasionados pelo uso das categorias de pessoa, espaço e tempo no processo de enunciação/produção do gênero editorial. O marco teórico toma como base os pressupostos teóricos de Benveniste (1966, 1995, 1974, 1989) sobre a Teoria da Enunciação, complementados com apoio em Fiorin (1999). A pesquisa tem cunho descritivo e abordagem qualitativa; utiliza o modelo epistemológico do paradigma indiciário (GINZBURG, 1986), para realizar a análise do *corpus* mediante identificação de marcas/pistas linguísticas que remetem às categorias de tempo, espaço e pessoa. A noção do tempo linguístico aponta para o estabelecimento do tempo presente, inserindo-o como um tempo que é o eixo central para referenciar as demais temporalidades: a do tempo do passado e a do tempo do futuro no ato linguístico, tudo isso imbricado pelas categorias de espaço e pessoa.

Fonte: http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/20/artigos/revel_16_a_enunciacao_em_texto_jornalistico.pdf

Nesse resumo, encontramos as seções de objetivo, metodologia e resultados, porque os autores deixaram pistas linguísticas que deixam claro para o leitor em que parte do texto se inicia uma seção. Veja no texto acima: A expressão “o objetivo de apresentar algumas reflexões...” tem por finalidade introduzir o objetivo da pesquisa; usando apenas o verbo no infinitivo. O procedimento metodológico foi marcado por meio de fragmentos como: “marco teórico toma como base os pressupostos teóricos ...” e “A pesquisa tem cunho descritivo e abordagem qualitativa”. O primeiro explicita a bibliografia consultada e o segundo menciona o método utilizado, que foi a descrição dos dados. O resultado foi identificado pela expressão “A noção do tempo linguístico aponta para o estabelecimento...”, de vez que a expressão sinaliza sobre essa seção do resumo. O uso desses sinalizadores é importante porque o resumo “ficará mais claro, e o leitor poderá encontrar a informação que deseja mais facilmente, guiado pelas marcas que deixaram” (id., p. 157).

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1. O resumo acadêmico é um texto em forma de um único parágrafo e a ordem das informações compreende os diversos momentos de uma pesquisa. Escreva os cinco elementos do resumo acadêmico e destaque-os no texto a seguir.

Exemplo:

Este artigo é resultado de uma pesquisa que se destina a apresentar e fundamentar elaborações de propostas para a prática de ensino interdisciplinar no Ensino de Ciências e de Matemática na Escola Média, que busquem gerar uma Educação Científica que considere aspectos complexos e relacionais presentes no conhecimento científico e no cotidiano escolar. Inicialmente, estabelecemos uma compreensão a respeito da interdisciplinaridade como prática educativa. Posteriormente, analisamos formas de entendimento dessa temática no âmbito escolar explicitando os fundamentos educacionais e os aspectos formativos que se destacam em diferentes propostas e fazemos uma ponderação sobre os condicionamentos na implementação dessa prática.

Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132007000300009&lang=pt

Resenha

A resenha é um gênero textual bastante solicitado em atividades acadêmicas e em outras atividades humanas, como nas revistas em que aparecem resenhas de filmes e de livros. A construção desse gênero se baseia nas informações resumidas e selecionadas de um livro, de um filme, de uma peça teatral, etc., apresentando comentários e avaliações críticas sobre a obra resenhada.

Esse gênero não se confunde com o resumo, por isso alguns autores não o classificam como resumo crítico.

Vale salientar que os objetivos do leitor de uma resenha são diferentes daqueles do resenhista. Por um lado, os leitores buscam na resenha uma opinião crítica sobre a temática abordada na obra; por outro lado, o resenhista fornece-lhe uma posição, visto que já leu e tem conhecimento sobre o assunto da obra.

Talvez você pergunte: Mas o que é resenhar? Como se estrutura a resenha?

Platão e Fiorin (1998) afirmam que resenhar significa fazer uma relação das propriedades de um objeto,

enumerar cuidadosamente seus aspectos relevantes e descrever as circunstâncias que o envolvem. Para que isso seja feito de modo satisfatório, é necessário que o resenhista delimite o foco de leitura, selecionando o que é funcional para os objetivos definidos. Outro ponto que devemos considerar é o fato de ser construído por um leitor familiarizado com o assunto tratado na obra.

VAMOS REFLETIR

Antes de continuarmos, reflita sobre o texto a seguir.

Entre casos e acasos

MLODINOW, Leonard. O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas. São Paulo: Editora Zahar, 2009.

Por Daniela Ingui, 10/11/2012.

Lidamos com números todos os dias. Ao abrir os jornais, lá estão eles nos informando a temperatura do dia, o percentual de chance do candidato do partido de esquerda ganhar a eleição ou o quanto a renda de cada brasileiro aumentou de um ano para o outro. Em nosso trabalho, podemos estimar o prazo para a conclusão de um projeto, avaliar o desempenho de determinado funcionário ou contar quantos dias faltam para recebermos o próximo salário. Essas situações nos mostram como a matemática está presente em nosso dia a dia. Mas será que estamos usando-a da melhor forma? De acordo com o físico norte-americano Leonard Mlodinow, que leciona sobre teorias da aleatoriedade no Instituto de Tecnologia da Califórnia, não. Em seu livro “O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas”, traduzido por Diego Alfaro e publicado pela editora Zahar, ele nos mostra como podemos evitar conclusões equivocadas ao lidarmos com eventos aleatórios.

Em princípio, um livro que trata de probabilidade e estatística pode parecer restrito a matemáticos e profissionais afins, mas este não é o caso. A leitura é bastante fluida, mesmo àqueles pouco versados no assunto, o que se deve ao modo bastante divertido com que Mlodinow traça relações entre a teoria matemática e situações corriqueiras. Contudo, o leitor não pode ser passivo; ele é convidado constantemente a aplicar as leis probabilísticas em sua vida. Assim, ter um bloco de anotações em mãos pode ser bastante útil para participar da solução dos problemas levantados pelo autor a cada capítulo. Àqueles que temem a matemática, uma boa notícia: as respostas envolverão muito mais lógica do que cálculos propriamente ditos. E conforme se avança na narrativa, mais clara fica a relação com o andar do bêbado, metáfora utilizada para fazer alusão ao movimento aleatório de uma pessoa alcoolizada.

O PRIMEIRO CAPÍTULO – “Olhando pela lente da aleatoriedade” – explica que nosso cérebro está condicionado a buscar padrões para qualquer acontecimento cotidiano. É por isso que, quando nosso time começa a perder, logo atribuímos a culpa das derrotas sucessivas ao novo técnico contratado e passamos a torcer por sua demissão. Porém, ao contrário do senso comum, uma análise matemática de todos os grandes esportes apontou que essas demissões não costumam provocar melhora significativa no desempenho da equipe. Como explicar o fracasso nesses casos? De acordo com Mlodinow, trata-se apenas de uma variação aleatória dentro do espectro de desempenhos possíveis daquele time em particular. A fase ruim seria, portanto, só uma fase de azar (o que, muitas vezes, já é suficiente para selar o destino do técnico azarão). Para evitar decisões precipitadas como essa, só conhecendo um pouco sobre estatística, ramo da matemática que nos permite inferir probabilidades com base nos dados observados.

Você pode estar pensando que nada, então, pode ser previsto se todas as nossas ações sofrem influência do acaso. Entretanto, como sugere o oitavo capítulo, há “ordem no caos”. Apesar de o destino de cada pessoa ser, de um modo geral, imprevisível, é possível enxergar um padrão a partir de um grupo de pessoas atuando aleatoriamente. Esse padrão, ao contrário do que costumamos fazer, não é normalmente detectado quando analisamos um conjunto pequeno de dados. É por isso que um medicamento só é liberado quanto o teste de sua eficácia envolve, digamos, mil pessoas e não dez. Mesmo que a taxa de melhora dos pacientes testados seja de 30% em ambas as situações, qualquer um sabe que seu significado não é equivalente. A ideia sobre como o espaço amostral pode influenciar uma análise estatística é apresentada no terceiro capítulo – “Encontrando o caminho em meio a um espaço de possibilidades” – para ser aprofundada no quinto – “As conflitantes leis dos grandes e dos pequenos números”.

Outro ponto bastante interessante que o livro mostra é que nem sempre a probabilidade de um evento é independente de outro. Assim, quase todo mundo concorda que a chance de uma pessoa bater o carro

quando está alcoolizada é muito maior do que quando está sóbria. A probabilidade condicional é um dos assuntos do sexto capítulo – “Falsos positivos e verdadeiras falácias”. A partir dele, podemos perceber que as estimativas iniciais podem ser ajustadas com o acréscimo de informações, o que aumenta a previsibilidade de nossos modelos. Isso é o que fazem, por exemplo, as companhias de seguro quando dão descontos aos “bons motoristas”: elas estão apenas utilizando os dados recém-adquiridos a respeito daquele motorista, segundo os quais sua chance de acionar o seguro não é tão alta quanto a estimada no início.

Mesmo assim, acreditamos nos números e buscamos neles uma certeza que não é mais compatível com a lógica probabilística da ciência contemporânea. Entender como o aleatório está presente em nossas vidas é perceber que nem sempre conseguiremos determinar um padrão para o nosso “andar de bêbado”; é usar as ferramentas probabilísticas para inferir possibilidades mais gerais, com base em um número maior de evidências, sem esquecer as limitações quanto à capacidade preditiva dos padrões gerados. Só assim seremos capazes de perceber que o sucesso é resultado muito mais de nossa persistência do que de algum talento nato. Afinal, por mais que uma moeda esteja viciada em cara, uma hora ela pode dar coroa, não é mesmo? É só continuar jogando e aproveitar as oportunidades (e desenvolver as habilidades) que aparecerem pela nossa frente. Boa sorte!

Fonte: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=83&id=80&tipo=resenha>.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1. Qual o autor da obra resenhada?
2. Escolha um dos textos que você considerou como resenha e sublinhe as partes que contêm o resumo do objeto resenhado e as que contêm comentários ou avaliações sobre ele.
3. Que características mínimas o texto escolhido apresenta para que você possa identificá-lo como uma resenha?
4. Você acha que o resenhista conhece a obra resenhada? Por quê? Cite fragmentos da resenha que comprovam sua resposta.

Você conseguiu observar que em uma resenha há no mínimo dois aspectos básicos indispensáveis em sua forma composicional: a descrição da obra resenhada e os comentários do resenhista. Segundo Motta-Roth e Hendges (2010), isso ocorre devido à necessidade de atender a expectativa do leitor. O resenhista descreve e avalia uma obra a partir de um ponto de vista informado pelo conhecimento adquirido anteriormente sobre a temática da obra.

Vejamos agora a composição desse gênero, segundo as autoras:

a) Apresentação - o resenhista contextualiza o autor, o assunto abordado na obra lida, seus objetivos e sua relevância para um leitor interessado no assunto.

Na resenha exposta, o resenhista faz uma breve apresentação do autor e do livro. O autor é apresentado como “o físico norte-americano” e como professor de “teorias da aleatoriedade no Instituto de Tecnologia da Califórnia”. O livro é uma tradução para o português que “mostra como podemos evitar conclusões equivocadas ao lidarmos com eventos aleatórios” e “trata de probabilidade e estatística”.

b) Descrição – essa parte da resenha pode ser feita separadamente ou em conjunto com a avaliação da obra. Quando é feita separadamente, o resenhista faz uma espécie de resumo, apresentando as ideias contidas na obra. No resumo, devem constar informações sobre a obra: se é dividida em capítulos (estrutura) – quantos, quais, como? (se houve um mais importante – por quê?), além de esclarecer se o livro tem citações.

Quando é feita em conjunto com a crítica, apresenta as ideias, já colocando a opinião, ou seja, indicando pontos positivos e/ou negativos, revelando ideologias, etc.

Esse último tipo de descrição foi aplicado à resenha vista. Veja as expressões: “o primeiro capítulo”, “apresentada no terceiro capítulo”, “Outro ponto bastante interessante que o livro”, “oitavo capítulo”, etc., que remetem à descrição do capítulo. Porém, ao mesmo tempo em que ele descreve o texto resenhado, faz avaliações do conteúdo, utilizando expressões como: “A leitura é bastante fluida, mesmo àqueles pouco versados no assunto”. Porém, “ao contrário do senso comum”, etc., ou seja, avalia a obra.

c) Avaliação - ao produzir seu texto, o resenhista discute algumas questões, assumindo um posicionamento. Assim, ele pode responder a questões do tipo: Há originalidade nesta obra? A obra

resenhada é útil para algum trabalho acadêmico ou de outra natureza? A leitura é agradável? Para quem essa obra é dirigida? Essa etapa, como vimos no item anterior, pode ser integrada à apresentação.

d) Recomendação – nem sempre a resenha apresenta a recomendação da obra, ou seja, a que público-alvo o livro, o filme, o documentário foi direcionado. No texto de Mlodinow, temos que foi escrito para “matemáticos e profissionais afins”.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1. Pesquise, em *site* de periódicos, como: www.scielo.br, www.comciencia.br ou de busca, como www.google.com.br, exemplos de resenha da sua área e as leia tentando definir a forma composicional. Além disso:

a) Verifique como o resenhista analisa o livro em termos de **boa / má** qualidade, **maior / menor** importância para a área, etc.

b) Verifique também os recursos da linguagem empregada pelo resenhista para sinalizar os estágios textuais, quando descreve e avalia a obra.

Fichamento de Textos

A palavra fichamento está ligada à época em que registrávamos as informações essenciais de um texto em pequenas fichas, que eram armazenadas em um fichário. Atualmente, utilizamos os documentos digitais para as anotações e os diretórios (as famosas pastas) para arquivá-los. Mesmo não utilizando as fichas nem os fichários, permaneceu na academia esse termo para designar o registro feito pelo pesquisador ou estudante dos textos lidos sobre determinado tema. Assim, o fichamento é o gênero textual que tem por finalidade documentar dados e informações disponíveis em livros e apostilas para posterior consulta.

O uso desse gênero é feito, geralmente, em duas situações: na fase da pesquisa bibliográfica, (facilitando a organização) e na consulta dos temas pesquisados. Com o fichamento, o pesquisador ganha tempo, visto que não será necessário ler o livro novamente. Para o estudante, o fichamento facilita a assimilação dos conteúdos estudados. As fichas se prestam a auxiliar o aluno por três razões centrais: utilizá-las em sala de aula na discussão do texto; servir-lhe de estudo para melhor domínio do conteúdo e guardá-lo para uso futuro na forma de consulta, dispensando a necessidade de ter de refazer toda a leitura.

Além do uso, esse gênero, na prática da redação acadêmica, possui **estrutura composicional** própria e **tipos distintos**.

A estrutura de um fichamento se divide basicamente em duas partes: cabeçalho e corpo do texto. O primeiro se subdivide em assunto, onde estão presentes o título genérico e específico do tema pesquisado e a referência bibliográfica da obra. O segundo é o conteúdo em si e define o tipo de fichamento.

Dependendo do conteúdo presente no corpo da ficha, é definido o tipo de fichamento. Segundo Medeiros (2012), um fichamento pode ser de transcrição, de resumo e de comentários.

a) Fichamento de transcrição - Exige a colocação das aspas no início e no fim da transcrição, pois deve ser uma reprodução fiel do texto. Se já houver aspas no texto que você está transcrevendo, elas devem ser transformadas em aspas simples. Se houver erros gramaticais, devem ser corrigidos e, logo depois, colocada entre parênteses a palavra (sic); em caso de supressão no meio da transcrição, usam-se os parênteses e a reticência (...). A supressão de um ou mais parágrafos intermediários é indicada por uma linha pontilhada.

Esse tipo de fichamento serve como suporte para as citações que serão feitas na redação de um texto acadêmico. Por isso, alguns autores o chamam de fichamento de citação.

ANÁLISE COMBINATÓRIA - provas combinatórias

NELSEN, Claudi Alsina e B., Roger. **Um convite a provas sem palavras**. Tradução de Germana Barata. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=83&id=1028&tipo=1>>. Acesso em: 08 de jul. 2013.

“Vamos utilizar métodos de prova combinatória baseados em dois princípios simples de contagem que podem ser aplicados em representações de números naturais por conjuntos de objetos. Os princípios são:

1. Se você contar os objetos de um conjunto de duas maneiras diferentes, você obterá o mesmo resultado;
2. Se dois conjuntos estão em uma correspondência de um para um, então eles têm o mesmo número de elementos”.

b) Fichamento de resumo – Como vimos, o resumo é um texto informativo que se ocupa em reduzir um texto às suas ideias principais. Esse tipo de texto engloba duas fases: a compreensão do texto e elaboração de um novo. A ficha de resumo apresenta uma síntese das ideias do autor, que poderá ser feita da seguinte maneira: a supressão de palavras secundárias do texto; a substituição das palavras genéricas por outras mais específicas; a seleção cuidadosa de ideias óbvias ou de informações secundárias; a construção de uma nova frase (paráfrase), respeitando-se as ideias principais.

ANÁLISE COMBINATÓRIA - provas combinatórias

NELSEN, Claudi Alsina e B., Roger. **Um convite a provas sem palavras**. Tradução de Germana Barata. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=83&id=1028&tipo=1>>. Acesso em: 08 de jul. 2013.

O texto da autora se insere no estudo da análise combinatória elementar, baseada em dois princípios simples de contagem que podem ser aplicados em representações de números naturais por conjuntos de objetos.

Ela se utiliza de exposição dos princípios e teoremas dessa área para fundamentar seus argumentos. Além disso, apresenta gráficos, figuras e objetos geométricos para exemplificar o conteúdo. Ela se detém na representação como comprimentos de segmentos, áreas de figuras planas, volumes de objetos.

c) Ficha de comentário – Nesse tipo de fichamento, recomenda-se atenção à análise e identificação da hipótese do autor, objetivo, motivo pelo qual escreveu o texto e às ideias que fundamentam o texto. O comentarista deve verificar se a exemplificação é genérica ou específica, se a linguagem do texto é clara, lógica e consistente, se o tom utilizado na exposição é formal ou informal e se há pontos fortes e fracos na argumentação.

ANÁLISE COMBINATÓRIA - provas combinatórias

NELSEN, Claudi Alsina e Roger B. **Um convite a provas sem palavras**. Tradução de Germana Barata. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=83&id=1028&tipo=1>>. Acesso em 08 de jul. 2013

O trabalho da autora tem por objetivo utilizar métodos de prova combinatória baseados em dois princípios simples de contagem que podem ser aplicados em representações de números naturais por conjuntos de objetos.

Ela divide o texto em três partes: provas combinatórias, números figurativos e soma de números quadrados, triangulares e cubos. Na primeira parte, trata dos conceitos e princípios da combinatória elementar; no segundo, apresenta alguns teoremas e provas sobre os números figurativos mais simples, como os números triangulares e quadrados; no terceiro, examina os números triangulares e quadrados como somas de números inteiros e somas de inteiros ímpares, considerando a soma de números triangulares e somas de quadrados.

Os exemplos expostos pela autora constituem uma forma prática e simples de compreensão e aplicação dos conceitos.

EXERCÍCIO PROPOSTO

1. Faça um fichamento de comentário com base em texto de seu interesse.
2. Apresente três fichamentos de transcrição de texto de outros textos pesquisados.
3. Quando houver aspas no texto que estivermos transcrevendo, como devemos proceder na transcrição? Na citação direta, é permitido ao pesquisador substituir palavras e interferir na forma do texto?
4. Como proceder no caso de supressão de algumas palavras internas a um texto?

69

Artigo científico

O artigo científico constitui valioso instrumento de divulgação de pesquisas acadêmicas. Primeiramente, porque é por meio dele que professores e estudantes apresentam à comunidade os resultados gerais ou parciais de uma pesquisa. Depois, porque eles se tornarão fontes de pesquisa para futuros trabalhos sobre a mesma temática. Além disso, eles podem difundir, contestar ou refutar mais rapidamente outras soluções de problemas de pesquisa que são controversas, por isso “esse gênero serve como uma via de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação” (MOTTA-ROTH E HENDGES, 2010, p. 65).

Esse gênero é publicado em revistas, periódicos especializados ou em anais de congressos. Quando você for submeter um artigo científico à aprovação de uma revista ou congresso, siga as normas editoriais adotadas por este ou por aquela. As normas de uma revista para outra mudam muito quanto à estética do texto, porém os elementos essenciais do gênero permanecem.

Veremos aqui a **estrutura composicional** e os **tipos de artigo científico** identificados na **NBR 6022**, que estabelece um sistema para a apresentação dos elementos que constituem o artigo em publicação periódica científica impressa.

SAIBA MAIS

Faça uma pesquisa em *site* de busca sobre a NBR 6022, da (ABNT). Esta norma trata da apresentação do artigo científico impresso.

Segundo essa norma, o artigo científico é parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento. Isso pode ser feito por meio de um artigo científico de revisão ou original.

a) O artigo de revisão teórica “consiste em um levantamento de toda literatura publicada sobre um tema em determinado período de tempo” (MOTTA-ROTH E HENDGES, 2010, p. 66). Por exemplo, você poderia fazer uma pesquisa sobre o tema: a linguagem matemática no início do século XIX. Nesse caso, você deveria fazer um levantamento bibliográfico dos autores que tratam do tema nesse período. Disso resultaria um artigo contendo uma visão geral da temática para os autores pesquisados. Esses artigos analisam e discutem trabalhos já publicados, fazendo uma revisão bibliográfica do tema.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

1 - Dentro da Matemática, enumere três temas que lhe interessam.

2 - Investigue na *internet*, em livros ou pergunte a professores de Matemática sobre os temas que você enumerou. Depois, anote a temática com a qual você mais se identificou.

3 - Construa cinco ou mais perguntas sobre o tema pesquisado. Se for possível, apresente resposta às perguntas formuladas. Se você não tem resposta, um simples “não sei” já pode constituir a resposta.

b) O artigo original, também conhecido como artigo experimental, apresenta temas ou abordagens originais. Esse tipo de artigo é construído com base em relatos de casos ou em experimentos em laboratórios, apresentando e discutindo dados sobre determinado problema dentro de uma área de conhecimento específico e faz interpretações na forma de resultados de pesquisa.

O artigo científico possui os seguintes elementos: pré-textuais, textuais e pós-textuais. Esses mesmos elementos estão presentes nos demais trabalhos científicos, como, por exemplo, nas monografias, dissertações e teses.

FIQUE DE OLHO

Para maior compreensão sobre o recurso linguístico usado no artigo científico, é necessário que você acesse o *link*: <http://www.scielo.br/pdf/er/nse1/09.pdf>, onde está disponível um artigo científico com o título: “Leitura e interpretação de enunciados de problemas escolares de matemática por alunos do Ensino Fundamental Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA)”.

Retomaremos partes desse texto nos exemplos.

a) Os elementos pré-textuais antecedem o corpo do texto com o objetivo de acrescentar-lhe informações que auxiliam na identificação e utilização do conteúdo. São constituídos de título e subtítulo (se houver), que devem figurar na página de abertura do artigo, na língua do texto; a autoria: nome completo do (s) autor (es) na forma direta, acompanhados de um breve currículo que o (s) qualifique (m) na área do artigo; resumo na língua do texto: o resumo deve apresentar, de forma concisa, os objetivos, a metodologia e os resultados alcançados, não ultrapassando 250 palavras; palavras-chave na língua do texto. Esses elementos geralmente aparecerem nessa sequência. Algumas revistas exigem que a autoria com breve identificação fique em rodapé ou que apenas as credenciais fiquem em rodapé.

No artigo mencionado (no FIQUE DE OLHO), temos que a identificação ou credenciais dos autores ficaram em rodapé e que não foi exigido o uso das palavras-chave.

b) Os elementos textuais constituem-se de:

INTRODUÇÃO - o autor geralmente indica a relevância do tema e expõe a finalidade e os objetivos do trabalho de modo que o leitor tenha uma visão geral do tema abordado. De modo geral, segundo Motta-Roth e Hendges (2010), a introdução deve:

- **Apresentar o território de investigação** – No texto do Fique de Olho, as autoras asseveram sobre a importância do assunto para a área fazendo a seguinte generalização: “o principal obstáculo encontrado para o bom desempenho dos estudantes seria o de estes não dominarem os procedimentos de cálculo necessários (algoritmos, equações)”; depois, revisam os itens de pesquisas anteriores sobre o tema, como: “Estudos realizados no campo da linguística (como os de HENRY, 1992; FERREIRA, 2000) indicam que, na comunicação em geral e no ensino das diferentes disciplinas em especial...”.
- **Identificar o nicho da pesquisa** – As autoras sinalizam sobre as lacunas existentes na área de pesquisa e evidenciam as necessidades de se pesquisar sobre o assunto. Veja o trecho: “o professor lhes dá em relação ao significado e à importância daquilo que devem aprender”, “muitos alunos (...) acostumados aos sentidos que circulam na linguagem cotidiana, apresentam dificuldades para relacioná-los aos conceitos e ideias da matemática tratadas na escola”, etc. Depois, elas fazem questionamentos sobre o assunto abordado, como em: “as dificuldades dos alunos da escola básica na resolução dos problemas que lhes são propostos em sala de aula não decorreriam de eles não compreenderem com clareza o que os professores e os livros didáticos querem lhes comunicar?”
- **Ocupar esse nicho com o trabalho** – Uma estratégia muito utilizada para finalizar a introdução de artigo é construir um parágrafo de apresentação de como o texto está estruturado, ou seja, uma visão geral da organização do trabalho, para que o leitor possa construir um esquema mental e antecipar os pontos temáticos tratados. Outra estratégia seria a definição dos objetivos ou das principais características do trabalho. No artigo que tomamos como exemplo, as autoras abrem-nos explicitando o objetivo do trabalho, que é de “analisar a compreensão leitora de alunos do ensino fundamental de enunciados de problemas escolares de matemática” e finaliza com a questão problema: “até que ponto a linguagem comum e a linguagem matemática interferem na leitura e na compreensão pelos alunos do ensino fundamental dos problemas que lhes são propostos em sala de aula e nos livros didáticos?”, o que não é comum nesse tipo de gênero acadêmico.

DESENVOLVIMENTO - Parte principal e mais extensa do trabalho, deve apresentar a fundamentação teórica ou revisão de literatura, a metodologia, análise e discussão dos resultados, como veremos nos tópicos a seguir. Além disso, o desenvolvimento pode ser dividido em seções e subseções, conforme a NBR 6024 (de 2003), que variam em função da abordagem do tema e do método.

- **A fundamentação teórica ou revisão de literatura** – esta parte do desenvolvimento tem por função “utilizar, reconhecer ou dar crédito à criação intelectual de outras (os) autoras (es); uma questão básica de ética acadêmica e de consciência sobre o grau de ineditismo da nossa pesquisa” (MOTTAROTH e HENDGES, 2010, p. 90). No artigo exemplo, há dois tópicos que constituem a revisão de literatura. O primeiro é: “Sobre a leitura e a compreensão de textos”, onde as autoras fundamentam seu trabalho em Solé (1998), Kleiman (2004) e Smith (1989); o segundo é “O enunciado dos problemas como um gênero discursivo”, no qual elas tratam do conceito de gênero, com base em Bakhtin (1992) e Bräkling (2006). A revisão é a apresentação dos conceitos fundamentais para a pesquisa.
- **A metodologia** – esta parte do desenvolvimento consiste em “narrativa das ações desenvolvidas na pesquisa”. (id., p. 117). Veja como as autoras descrevem os sujeitos envolvidos e o espaço onde foi realizada a pesquisa em: “Participaram da pesquisa estudantes provenientes de duas escolas públicas de duas cidades da região noroeste do Paraná.”; o instrumento de pesquisa foi composto pela entrevista e questionário, como em: “Nas entrevistas lhes foram apresentados quatro problemas, selecionados e adaptados dos livros didáticos”; os procedimentos para a coleta dos dados como em: “As entrevistas, gravadas em fita cassete e, posteriormente, transcritas”. Veja que a metodologia apresenta um conjunto de ações desenvolvidas pelo pesquisador para verificar os resultados obtidos.
- **A análise e discussão dos resultados** – nesta parte, o pesquisador interpreta os dados em relação ao conhecimento sobre o assunto a partir da pesquisa na área. Os dados, numa pesquisa quantitativa, são apresentados em forma de tabelas; nas pesquisas qualitativas, eles são interpretados de modo que o autor conclui com generalizações sobre o objeto pesquisado. Veja como isso se deu no artigo. As autoras apresentaram o seguinte dado em relação à pesquisa: “A pouca fluência na leitura dos enunciados foi observada, majoritariamente, entre os alunos da 5ª série (GI) do ensino fundamental regular e em apenas um dos da 8ª série (GII).” Outro dado foi apresentado: “Os dados colhidos nas entrevistas mostram que os participantes dos quatro grupos demonstraram lacunas na compreensão linguístico-matemática de termos (...) na resolução dos problemas propostos”.

CONCLUSÃO - a conclusão, nesse gênero acadêmico, deve responder às questões da pesquisa apresentadas na introdução, correspondentes aos objetivos e hipóteses do (s) autor (es); deve ser breve e apresentar as recomendações e sugestões para trabalhos futuros. Veja as considerações do artigo, quando as autoras dizem: "... a habilidade de ler e interpretar esses textos não se desenvolve espontaneamente, mas deve ser objeto de um trabalho específico do professor...".

c) Os elementos pós-textuais constituem-se de título e subtítulo (se houver), resumo e palavras-chave em língua estrangeira. As revistas geralmente os colocam logo após o título e o subtítulo do artigo, junto com os pré-textuais. Observe o artigo que temos como exemplo no Fique Atento. Nas notas explicativas, a numeração é feita em algarismos arábicos, devendo ser única e consecutiva para cada artigo. As referências são elementos obrigatórios e se constituem de uma lista ordenada dos documentos efetivamente citados no texto. Veremos mais sobre esse item em tópicos de escrita. O glossário, os apêndices, os anexos, agradecimentos e a data de entrega dos originais para publicação são elementos acessórios.

▶ EXERCÍCIO PROPOSTO

Para responder as perguntas a seguir, é necessário que você pesquise em outras fontes.

1. Que distinção há entre resumo e sinopse? São a mesma coisa?
2. Sabemos que os artigos científicos são geralmente utilizados como publicações em revistas especializadas, a fim de divulgar conhecimentos, comunicar resultados ou novidades a respeito de um assunto. Em que eles se diferenciam da monografia?
3. A dissertação é um texto final exigido como condição parcial visando à obtenção do grau acadêmico de mestre. Esse gênero de texto possui características próprias. Quais são?

Retextualização de gêneros escritos

UN 03

A retextualização é um processo que envolve a transformação de uma modalidade textual em outra, uma produção escrita de um gênero a outro gênero, mantida a base informacional do conteúdo do texto de origem.

Como já vimos, os gêneros são considerados formas fixas e imutáveis, mas são avaliados com relação a seus propósitos comunicativos, sua relativa estabilidade, o domínio discursivo onde aparecem e o contexto sociohistórico de produção e circulação.

Essas características flexíveis dos gêneros contribuem para que sejam transmutados ou transformados em outro gênero. Segundo Dell'Isola (2007, p. 36), "A retextualização é um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidencia uma série de aspectos da relação entre oralidade-escrita, oralidade-oralidade, escrita-escrita, escrita-oralidade". Nesses aspectos, para a autora (citando Marcushi, 2001), há quatro possibilidades de retextualização:

- a) Da fala para a escrita: ocorre quando um texto oral passa para a modalidade escrita. Por exemplo, de uma **entrevista oral** para uma **entrevista escrita**.
- b) Da escrita para oralidade: quando ocorre o inverso da anterior. Por exemplo: de um **esquema escrito** para uma **exposição oral**.
- c) Da fala para fala: ocorre quando há um texto da modalidade oral para outro desta modalidade. Por exemplo: de uma **conferência** em uma língua estrangeira para a **interpretação**.
- d) Da escrita para a escrita: ocorre quando há um texto da modalidade escrita para outro desta modalidade. Por exemplo: de um **livro** para uma **resenha escrita**.

O processo de retextualização está presente em nosso dia a dia. Quando há reunião (texto oral) em dada instituição, logo escreve-se uma ata dos pontos de pauta discutidos. Nas apresentações que o professor faz em sala, geralmente ocorre a utilização de um esquema no projetor de multimídia (texto escrito) para uma exposição oral ou explicação do conteúdo. Você pode fazer uma piada (texto oral) de algo que um amigo lhe falou em uma conversa (texto oral). Após produção de um artigo científico (texto escrito), o produtor deve desenvolver também o resumo (texto escrito). Em nossas práticas, estamos sempre retextualizando gêneros em outros.

SAIBA MAIS

Sugiro que você leia o artigo com o seguinte título: Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial, de Carlos F. B. D'Andrea e Ana Elisa Ribeiro. Endereço: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-5.pdf>.

Tópicos de escrita

UN 03

As referências bibliográficas estão presentes em todos os gêneros acadêmicos. Como você viu no tópico quatro desta unidade, quando falávamos sobre fichamento de textos, resumo e resenhas acadêmicos e o artigo científico. A NBR 6023, de 2002, diz que a referência é um conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual.

EXERCÍCIO PROPOSTO

1. Se você fosse escrever para um amigo a referência de um livro de matemática, quais elementos a seguir você acha que não deveriam faltar?

- O nome do autor.
- O nome do livro.
- Ano em que foi publicado.
- Cidade onde foi publicado.
- Edição do livro.
- Número de páginas.

2. Retome o artigo sugerido no Fique de Olho, no subitem artigo científico, observando as obras citadas nesse artigo para responder a seguinte indagação: qual (is) foi (foram) publicadas em forma de livro, em revista, em *site*?

3. Veja as referências bibliográficas abaixo:

BELLINI, M.; RUIZ, A. **Matemática**: epistemologia genética e escola. Londrina: EDUEL, 1998.

FERREIRA, M. C. L. **Da ambiguidade ao equívoco**: as resistências da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 2004.

Numere os elementos que aparecem nas referências segundo a ordem em que são mencionadas.

- Ano da publicação
- Nome do autor
- Cidade da editora
- Sobrenome do autor
- Editora

As fontes consultadas pelo pesquisador devem ser indicadas para que o leitor tenha ciência de que a pesquisa não foi apenas “imaginação” do estudioso. Não há temas que não tenham sido pesquisados. Logo, não há como escrever sem recorrer a essas fontes. Outro fator é que o leitor pode consultar as fontes **citadas** no trabalho.

As referências bibliográficas são relacionadas em forma de lista em ordem alfabética de sobrenome de autor no final do trabalho. Porém, como as construímos?

Geralmente, inicia-se a entrada pelo último sobrenome do autor seguido dos prenomes, da mesma forma que consta no documento. Quando não há autoria (pessoal ou entidade), inicia-se pelo título. Veremos as formas de construção das referências a livros, a capítulo de livros, a revista e artigos em revistas, a dissertações e a tese. Para mais informações, consulte a NBR 6023, de 2002.

FIQUE ATENTO

Há diferença entre referência bibliográfica e bibliografia. Na primeira, devem aparecer todas as obras que você citou no texto. A segunda indica as obras que desejamos, desde que tenham a ver com o tema, estando ou não citadas no corpo do texto. Leia mais em Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2005, p. 90).

a) Referência de livro e de capítulo de livro

Vejam como se faz a referência de livros e de capítulo de livros em textos impressos ou digitais. Para o texto impresso, vejamos:

SOBRENOME, Nome (pode ser apenas a abreviação). Título do livro: subtítulo. (edição, se houver). Local de publicação (cidade): Editora, ano de publicação.

Quando houver mais de um autor (máximo três autores), você deve separar os nomes dos autores com ponto e vírgula. Quando houver mais de três autores, indica-se apenas o primeiro, acrescentando-se a expressão et al. O título do livro deve ser destacado. A edição, quando não se trata da primeira, e o número de página são elementos acessórios.

Veja o exemplo:

MACHADO, N. J. **Matemática e língua materna**: análise de uma impregnação mútua. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1995.

Quando o pesquisador não faz a leitura completa do livro ou faz uso de parte dele, a parte consultada deve compor referências. Nesse caso, deve-se proceder da seguinte forma:

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo (sem destaque). In: **AUTOR(ES) DO LIVRO**. Título do livro: subtítulo. (edição se houver). Local de publicação (cidade): Editora, ano de publicação. Volume. Páginas inicial-final da parte consultada.

Veja o exemplo:

DOMADHY-DAMI, C.; BANKS-LEITE, L. As provas operatórias no exame das funções cognitivas. In: LEITE, L. B.; MEDEIROS, A. A. (Orgs.). **Piaget e a Escola de Genebra**. São Paulo: Cortez, 1987. p. 111-123.

Quando o livro é disponibilizado em meio eletrônico, apresentam-se as informações acima citadas e acrescenta-se-lhe o *site* em que está disponível o texto e a data de acesso.

Veja o exemplo:

MACHADO, N. J. **Matemática e língua materna**: análise de uma impregnação mútua. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1995. Disponível em: <http://www.nead.ufersa.edu.br/livros_a_distancia.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2013.

b) Referência de periódicos (revistas) e de artigos em periódicos

Conforme ABNT, NBR (2002, p. 5), “A referência de toda a coleção de um título de periódico é utilizada em listas de referências e catálogos de obras preparados por livreiros, bibliotecas ou editoras”. Os elementos essenciais da referência de periódicos são: título, local de publicação, editora, datas de início e de encerramento da publicação, se houver.

Veja como proceder na construção de referências impressas e digitais. Quando o texto for impresso, procede assim:

TÍTULO DO PERIÓDICO. Local de publicação (cidade). Editora, volume, número, mês, ano. (quando a revista ou evento é semestral ou trimestral, deve ser posta na opção de mês).

Veja o exemplo:

EDUCAR EM REVISTA, Curitiba, Editora UFPR, n. Especial 1/2011, 2011.

Os artigos são geralmente publicados em revistas especializadas ou em anais de eventos. Quando esses

textos são utilizados como fonte de pesquisa, possuem forma peculiar de fazer as referências. Veja como é fácil fazer. Basta acrescentar à referência de periódicos o nome do autor e o título e destacar o nome da revista. Observe o exemplo.

PAVANELLO, M. R.; LOPES, S. E.; ARAÚJO, N. S. R. Leitura e interpretação de problemas escolares de matemática por alunos do ensino fundamental regular e educação de jovens e adultos (EJA). **Educar em revista**, Curitiba, Editora UFPR, n. Especial 1/2011, 2011.

A maioria das revistas impressas é disponibilizada virtualmente em *sites* da própria revista ou em *sites* que hospedam as revistas, como www.scielo.br. Por isso, é necessária a compreensão de como se apresenta uma referência eletrônica de revistas e artigos virtuais. Veja o exemplo:

PAVANELLO, M. R.; LOPES, S. E.; ARAÚJO, N. S. R. Leitura e interpretação de problemas escolares de matemática por alunos do ensino fundamental regular e educação de jovens e adultos (EJA). *Educar em revista*, Curitiba, Editora UFPR, n. Especial 1/2011, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/nse1/09.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

c) Referência de tese e dissertação

A dissertação é um texto final exigido como condição parcial para a obtenção do grau acadêmico de mestre. Ela deve ser elaborada por pós-graduandos vinculados a um programa *stricto sensu* de uma escola superior devidamente cadastrada. A tese também deve ser elaborada por pós-graduandos vinculados a um programa de doutoramento; ser produzida sob a tutela de um doutor orientador; revelar domínio e síntese de conhecimentos específicos e originais da área de conhecimento; além disso, o texto deve ser apresentado e defendido publicamente. Esses textos, assim como os artigos, constituem fontes de pesquisa muito importantes para a academia. Por isso, eles são frequentemente citados em outras obras. Veja a maneira adequada de construir as referências desses textos. Nas teses, dissertações ou outros trabalhos acadêmicos, devem ser indicados em nota o tipo de documento (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso, etc.), o grau, a vinculação acadêmica, o local e a data da defesa, mencionada na folha de aprovação (se houver).

SOBRENOME, Nome. Título: subtítulo. Data. Volume ou páginas. Tese ou dissertação (grau e área de concentração) – Unidade de ensino ou nome da escola, instituição, local.

Veja o exemplo:

ARAÚJO, N. S. R. **A Educação de Jovens e Adultos e a resolução de problemas matemáticos**. 2007, 180f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e a Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SAIBA MAIS

Para mais informações, acesse: http://www.eac.fea.usp.br/eac/observatorio/metodologia-Referencia_bibliografica.asp.

Vamos agora praticar a escrita de referências bibliográficas. Em caso de dúvida, acesse o *site* que foi indicado no Saiba Mais ou a NBR 6023, de 2002.

Pesquise em bibliotecas ou nos *sites* <<http://www.scielo.br>> e <<http://www.periodicos.capes.gov.br>> exemplos de referências dos casos abaixo e escreva-as de acordo com o item que se pede.

- Artigo publicado em revista;
- Livro escrito por um autor;
- Livro escrito por mais de três autores;
- Capítulo de um livro.

REFERÊNCIAS

- CEREJA, W. R; MAGALHÃES, T. C. **Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação**. São Paulo: Atual, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- _____. **Práticas de Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: ed. Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP. 1998.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. 2002.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e Textualidade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DEMOLY, Karla. **Escritura na convergência de mídias**. Porto Alegre: CINTED Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14667>>. Acesso em: jul. 2009.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco P. **Lições de Texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância o ato de ler**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1986. p. 11-13.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura – alguns conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. p. 11-13.
- MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARTINS, M. Helena. **O que é Leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 37-76.
- ORLANDI, E. P. **Discurso & texto**. Pontes. Campinas, São Paulo: 2003.
- SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**. São Paulo: Cortez, 1996, p. 55.
- UNISINOS. **Guia para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**. São Leopoldo: 2009. Disponível em: <http://www.unisinos.br/graduacao/images/stories/fisica/normas_abnt_2009.pdf>. Acesso em 07 jul. 2009.

EDITORIA

EdUFERSA - Editora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Campus Leste da UFERSA
Av. Francisco Mota, 572 - Bairro Costa e Silva
Mossoró-RN | CEP: 59.625-900
edufersa@ufersa.edu.br

IMPRESSÃO

Imprima Soluções Gráfica Ltda/ME
Rua Capitão Lima, 170 - Santo Amaro
Recife-PE | CEP: 50040-080
Telefone: (91) 3061 6411

COMPOSIÇÃO

Formato: 21cm x 29,7cm
Capa: Couchê, plastificada, alceado e grampeado
Papel: Couchê liso
Número de páginas: 88
Tiragem: 400

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-63145-49-9





PROGRAD
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO



Ministério da Educação